

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ANA CLÁUDIA PONTES DE LIMA

“MEMÓRIAS DE GARANHUNS”: HISTÓRIA LOCAL E ENSINO DE HISTÓRIA

RECIFE/PE

2020

ANA CLÁUDIA PONTES DE LIMA

“MEMÓRIAS DE GARANHUNS”: HISTÓRIA LOCAL E ENSINO DE HISTÓRIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós –Graduação em História Concentração em História Social da Cultura Regional, referente a Linha de Pesquisa em Ensino de História e Cultura Regional, como parte requisito parcial a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Nascimento Oliveira

RECIFE/PE

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L732"

Lima, Ana Cláudia Pontes de

"Memórias de Garanhuns": história local e ensino de história / Ana Cláudia Pontes de Lima. - 2020.
101 f. : il.

Orientadora: Ana Lucia Nascimento Oliveira.
Inclui referências e apêndice(s).

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2021.

1. Ensino de história. 2. História local. 3. Memórias de Garanhuns. I. Oliveira, Ana Lucia Nascimento, orient. II. Título

CDD 981

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**



“MEMÓRIAS DE GARANHUNS”: HISTÓRIA LOCAL E ENSINO DE HISTÓRIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO ELABORADA POR

ANA CLÁUDIA PONTES DE LIMA

APROVADA EM ___/___/2020

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Ana Lúcia Nascimento Oliveira
Orientadora- Programa de Pós-Graduação em História- UFRPE

Prof^o Dr^o Cícero Joaquim dos Santos
Universidade Regional do Cariri- URCA
Núcleo de História Oral, Tradições e Diversidades- NHISTAL (CNPq/URCA)

Prof^o Dr^o Uiran Gebara
Programa de Pós-Graduação em História-UFRPE

DEICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe Ana Maria(in memorian) e minha avó Josefa(in memorian) pelos anos de dedicação e amor que foram fundamentais na minha formação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me fortalecer na caminhada. Sou grata aos familiares, amigos e amigas que direta ou indiretamente colaboraram para minha vida pessoal e profissional, compreenderam minha ausência ao longo dos últimos dois anos além de, contribuírem para tornar a vida mais leve. A minhas “primas –irmãs”, aliadas nas horas de alegria e de dificuldades.

Agradeço ao meu esposo Edgar pelo incentivo, companheirismo, compreensão e apoio diário.

A minha amiga Herika que me emprestou a casa, os livros, o apoio e valiosas sugestões. A minha amiga Régina que me ajudou com a revisão ortográfica.

A todos os educadores que passaram por minha formação, desde o Jardim de infância até a Pós- graduação, são meus heróis.

A professora Ana Lúcia Nascimento por acreditar no meu projeto e ter apoiado com críticas, palavras de incentivo e conhecimento.

Ao professor Cícero Joaquim e ao professor Uiran Gebara pelas orientações na qualificação e por aceitarem compor a banca de defesa.

Aos gestores das escolas onde atuei durante os últimos dois anos, EREM Professora Ismênia Lemos Wanderley, Escola Municipal Instituto Presbiteriano de Heliópolis, Escola Municipal Julião Capitó Filho, pelo apoio nas horas que precisei me distanciar das minhas atividades.

A toda equipe gestora e docente da Escola Municipal Instituto Presbiteriano de Heliópolis, pela receptividade ao longo da pesquisa, participação por meio de questionários e entrevistas.

A Rafael, secretário do curso, que foi sempre solícito em atender dúvidas e necessidades.

A todos os professores e professoras do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco pelo trabalho primoroso e aulas sempre produtivas.

Aos meus colegas de profissão, que estiveram ao meu lado sempre acreditando no meu potencial.

Aos colegas de mestrado que dividiram as conquistas e desafios ao longo do curso, com alguns construir amizades que espero que durem toda a vida.

A todos e todas que colaboraram direta ou indiretamente para esta pesquisa.

RESUMO

O presente texto de dissertação trata acerca do ensino de história local, a partir da análise da experiência da Escola Municipal Instituto Presbiteriano de Heliópolis com o projeto pedagógico interdisciplinar, “Memórias de Garanhuns”, realizado em duas edições, uma no ano de 2018 e outra no ano de 2019. A relevância dessa pesquisa contribui para o debate e a reflexão sobre o ensino de história local ao utilizar uma prática real como aporte. Para respaldar este trabalho, foram utilizados: bibliografias de autores locais sobre a história de Garanhuns, entrevistas orais e aplicação de questionários com professores, estudantes, gestão e funcionários da referida escola. Além de obras teóricas que tratam sobre as seguintes temáticas: ensino de história local, consciência histórica, cultura histórica, aprendizagem histórica, memória, identidade. Com esta pesquisa foi possível perceber que o trabalho interdisciplinar, com engajamento de toda equipe escolar e estudantes é capaz de promover experiências satisfatórias de aprendizagem histórica, ao tomar como ponto de partida a cultura e história local, e enfrentar desafios próprios de uma escola pública municipal.

Palavras-chaves: Ensino de História; História Local; Memórias de Garanhuns.

RESUMEN

Este trabajo de disertación trata sobre la enseñanza de la historia local, a partir del análisis de la experiencia de la Escuela Municipal Instituto Presbiteriano de Heliópolis con el proyecto pedagógico interdisciplinario “Memórias de Garanhuns”, realizado en dos ediciones, una en 2018 y la otra en 2019. La relevancia de esta investigación es contribuir al debate y la reflexión sobre la enseñanza de la historia local utilizando la práctica real como aporte. Para apoyar este trabajo se utilizaron bibliografías de autores locales sobre la historia de la ciudad de Garanhuns, entrevistas orales y cuestionarios a profesores, alumnos, directivos y empleados de la escuela. Además de analizar trabajos teóricos que abordan los siguientes temas: enseñanza de la historia local, conciencia histórica, cultura histórica, aprendizaje histórico, memoria, identidad. Con esta investigación fue posible darse cuenta de que el trabajo interdisciplinario, con la implicación de todo el equipo escolar y de los alumnos, es capaz de promover experiencias satisfactorias de aprendizaje histórico, tomando la cultura y la historia local como punto de partida, y afrontando retos propios de una escuela pública municipal. .

Palabras clave: Enseñanza de la Historia; Historia local; Recuerdos de Garanhuns.

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Curricular Comum

COVID-19 – Corona Vírus 19

EJA- Educação de Jovens e Adultos

FIG – Festival de Inverno de Garanhuns

FUNDARPE – Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHGB - Instituto Histórico e Geográfico do Brasil

IHGG - Instituto Histórico e Geográfico de Garanhuns

IHGPE – Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco

IPH – Instituto Presbiteriano de Heliópolis

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

LDBE - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

SECULT-PE – Secretaria de Cultura de Pernambuco

SEDUC-PE –Secretaria de Educação de Pernambuco

SESC – Serviço Social do Comércio

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Mapa Nordeste
- Figura 2 - Localização de Garanhuns em Pernambuco
- Figura 3 - Vista Panorâmica de Garanhuns
- Figura 4 - Bandeira de Garanhuns(1957)
- Figura 5 - Árvore Genealógica de Simôa Gomes
- Figura 6 - Busto de Simôa Gomes
- Figura 7 - Texto busto de Simôa Gomes
- Figura 8 - Última Viagem do Trem
- Figura 9 - Avenida Santo Antônio após a explosão.
- Figura 10 - Comentários sobre Explosão
- Figura 11 - Parque Ruber van der Linden
- Figura 12 - O Mirante do Alto do Magano
- Figura 13 - Inauguração do Monumento à Independência
- Figura 14 - Relógio de Flores
- Figura 15 - Instituto Histórico e Geográfico de Garanhuns
- Figura 16 - Centro Cultural-Antiga Estação Ferroviária
- Figura 17 - Hotel Tavares Correia/Antigo Sanatório
- Figura 18 - Antiga Rádio Difusora de Garanhuns
- Figura 19 - Cedro Rosa ao lado da Prefeitura
- Figura 20 - Lei Municipal 3946/2013
- Figura 21 - Fachada da Escola IPH
- Figura 22 - Fachada da Igreja Presbiteriana de Heliópolis
- Figura 23 - Lateral da Igreja Presbiteriana de Heliópolis
- Figura 24 - Pátio interno da escola
- Figura 25 - Notícia da realização do projeto
- Figura 26 - Foto da culminância do projeto utilizada na notícia
- Figura 27 - Trecho da notícia sobre o projeto
- Figura 28 - Continuação da notícia sobre o projeto
- Figura 29 - Painel destacando o projeto de 2019
- Figura 30 - Painel com vários momentos da vida de Domiguinhos
- Figura 31 - Apresentação cultural no pátio da escola
- Figura 32 - Cartaz confeccionado por estudante do 8º ano.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- A importância da História para o estudante

Gráfico 2 – O projeto “ Memórias de Garanhuns” e relação do estudante com a História

Gráfico 3 – Participação de professores no projeto” Memórias de Garanhuns” 2018

Gráfico 4 - Participação do professor no projeto “Memórias de Garanhuns” 2019

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1.GARANHUNS: HISTÓRIA E MEMÓRIA	17
1.1Entre o Passado e o Presente.....	19
1.1.1 A Data Magna.....	24
1.1.2 O Trem: Chegada e Partida.	25
1.1.3 Hecatombe de Garanhuns	27
1.1.4 A “Terra onde Padre mata Bispo”	29
1.1.5 O “Estrondo”	30
1.2 Garanhuns Hoje.....	32
1.2.1 Parques, Praças e Monumentos.....	33
1.2.2 Manifestações Culturais e Eventos	36
1.2.3 Patrimônios Locais	38
2. O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL ATRAVÉS DO PROJETO PEDAGÓGICO: “MEMÓRIAS DE GARANHUNS”	43
2.1 A Escola	52
2.2 O Projeto	55
2.2.1 “Memórias de Garanhuns: Conhecendo minha cidade”	56
2.2.2 “ Memórias de Garanhuns: Domiguinhos, filho ilustre da terra”	61
3.APRENDIZAGEM HISTÓRICA E SABERES DOCENTES	67
3.1.Os Estudantes.....	71
3.2. Os Professores.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	88
APÊNDECE A Questionário Ensino Fundamental.....	94
APÊNDICE B Questionário Enviado aos Professores	96
APÊNDICE C Ficha de Apoio: Entrevista com Estudantes	97
APÊNDICE D Ficha de Apoio: Entrevista com Educadores	98

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado da vontade de aprender somada ao desejo de aprimorar a prática no cotidiano da sala de aula. Investi anos, que vão desde a escolha profissional, por volta de 2001 e persiste até os dias atuais, na proposta de fazer do processo ensino e aprendizagem uma realidade. A opção pelo curso de licenciatura em história foi permeada pela oportunidade de uma educação básica que me possibilitou, orientada por professores admiráveis e competentes, o entendimento da importância e valorização da experiência humana no tempo.

O desejo de voltar à academia, como pesquisadora, após anos de serviços prestados à educação, surgiu da necessidade incessante de melhorar enquanto profissional, contribuir para a educação básica e para a formação histórica de crianças, jovens e adultos que se encontram na rede pública de ensino, onde atuo.

Defendo um ensino de história que seja significativo para os educandos no propósito de contribuir para a formação de seres humanos críticos, respeitosos e responsáveis com o próximo e com o mundo a sua volta.

Diante do exposto, e a partir de reflexões que os 15 anos de experiência me proporcionaram, acredito que o ensino da história local pode ser uma possibilidade para a disciplina história na educação básica, como ponto de partida, como estratégia de ensino e incentivo a pesquisa. Sendo assim, me propus a realizar uma pesquisa acerca do ensino de história local na Escola Municipal Instituto Presbiteriano de Heliópolis, Garanhuns-Pernambuco. O objetivo é promover a reflexão a respeito da prática, do ensino de história local, na referida escola, investigando a vivência do projeto pedagógico “Memórias de Garanhuns”, já desenvolvido na instituição desde março de 2018, bem como, incentivar a prática e produzir referencial para a formação de professores da rede pública, no intuito de expandir a experiência para outras escolas.

Utilizarei predominantemente ao longo do texto a primeira pessoa do singular porque me coloco no meu lugar de fala, como professora da educação básica e rede pública, me vejo próxima ao objeto de pesquisa.

Referir-se “a lugar” do ponto de vista historiográfico não se resume ao espaço, mas diz respeito às relações sociais, culturais, políticas, econômicas, humanas, que se estabelecem e tornam cada localidade singular, composta por identidades, costumes, memórias próprias. Quando trato de história local, me refiro, à cidade, ao bairro, à própria escola, ou seja, espaços sócios- culturais nos quais os educandos se encontram e se identificam.

Para ensinar História a partir da experiência de vida do aluno é necessário uma perspectiva teórico-metodológica que fale da vida das pessoas, que destaque, por exemplo, as festas familiares, as festas coletivas, as memórias e lembranças dos sujeitos de todos os segmentos sociais. É preciso dar voz às histórias das mulheres, das crianças pobres, trabalhadores, enfim, fazer falar sujeitos que sempre estiveram excluídos dos conteúdos ensinados (HORN,2013, p.125).

Parto da hipótese de que trabalhar a história considerando o contexto local, contribui para tornar o ensino e a aprendizagem da disciplina mais expressiva. Como diz Pacheco (2017), “A educação que qualifica e prepara o aluno para agir no mundo globalizado, só representa avanço na medida que o prepara para o exercício consciente da cidadania em sua comunidade local”.(PACHECO, 2017,p.17)

Esta pesquisa vem sendo pensada desde a produção do projeto em agosto de 2018 e me ocupou ao logo desses dois anos, enquanto cursava as disciplinas do mestrado viajando, semanalmente, cerca de 500 quilômetros, levando em consideração a viagem de ida e volta. Conciliando viagens, aulas como mestranda, pesquisa, e atividades comuns a uma professora da educação básica.

Ingressei no mestrado em agosto de 2018 e os primeiros seis meses foram de revisão do projeto, aulas do mestrado, aulas no trabalho e enfrentamento burocrático com documentação para pedido de licença para estudo junto ao Estado, esse só me concedeu 50% do benefício, após um ano de buscas.

Em 2019 organizei meus dias desta forma: segundas-feiras e terças-feiras eram os dias de deslocamento para a capital e participação nas aulas do mestrado, quartas-feiras visitas à escola onde realizava as pesquisas, quintas-feiras e sextas-feiras, integralmente, como professora em sala de aula, nos finais de semanas me dedicava às tarefas domésticas, atividades de docente, como correção de atividades, planejamentos de aulas e de discente, como leitura e escrita de artigos.

Estou relatando minha rotina ao longo desses dois anos para que o leitor compreenda o contexto desta pesquisa e para entrar em um assunto que é indispensável no momento e que afetou diretamente meu planejamento, minha pesquisa e a minha produção, a pandemia do Corona vírus e o isolamento social ao qual todo mundo, literalmente, “todo o mundo”, precisou se submeter.

Esse vírus surgiu na China no final de 2019 e chegou ao Brasil em março de 2020, ele é transmitido pelo contato entre pessoas, no aperto de mão, gotículas de salivas ou contato

com superfícies contaminadas, ainda não se conhece a cura, até o momento (setembro de 2020), e a doença pode avançar muito rápido levando até a morte.

O foco aqui não é aprofundar esse assunto, mas não posso desconsiderar a temática, levando em consideração os efeitos dessa crise para a educação, para a vida, a pesquisa, o comportamento humano, a cultura, enfim, não é possível citar aqui tudo que foi atingido, até mesmo porque, estou falando de fatos de grande abrangência que ainda estão se desenrolando.

Atingiu o meu planejamento e pesquisa porque a educação foi um dos setores mais afetados por essa pandemia. Os problemas tão presentes nas escolas, como, salas de aulas lotadas e mal ventiladas, a falta de recursos para higiene básica, se tornaram, agora, muito evidentes. A escola é considerada um lugar de alto risco de contágio e por esse motivo as aulas presenciais foram suspensas desde, o dia 17 de março de 2020, hoje, 17 de setembro de 2020, não há, em Pernambuco e na maioria dos estados brasileiros, uma previsão de retorno. Tinha a intenção de continuar as visitas à escola e entrevistas ao longo desse ano, além disso, o projeto pedagógico, “Memórias de Garanhuns”, alvo da pesquisa, seria vivenciado dia 31 de março. Estava no planejamento da equipe docente da escola a sua edição de 2020, com a temática: “Um olhar feminino sobre a cidade das flores”, e era minha intenção abordar mais essa experiência.

Impossibilitada, pelo contexto descrito, de continuar com as visitas e investigações sobre as experiências com o projeto “Memórias de Garanhuns” na edição 2020, utilizei o material coletado a partir de entrevistas e questionários aplicados ao longo de 2019, tratando da experiência pedagógica realizada nos últimos dois anos. Além de, um formulário de questões que foi enviado, no último mês de outubro, para professores por aplicativo de mensagens e respondido por alguns colegas que se dispuseram a colaborar com a pesquisa.

As visitas que realizei, nem sempre atingiam os objetivos, foi um trabalho que exigia muita paciência, muitas vezes chegava à escola e encontrava a equipe envolvida em compromissos, como avaliações, novos projetos, reunião de pais e os colegas não estavam disponíveis para serem entrevistados. A dificuldade com espaço também era um desafio, era quase impossível conseguir um espaço silencioso onde pudesse sentar com o colaborador e realizar a entrevista sem ser interrompida.

Em conversas informais, nos momentos de intervalo, fui identificando os colegas que se mostravam mais disponíveis e dispostos a colaborar. Posteriormente, cheguei a entrevistar, individualmente, dez professores, uma pessoa da gestão e uma pessoa do setor administrativo. Os professores entrevistados eram todos do Ensino Fundamental II e de diversas áreas, Português, Matemática, Geografia, História, Ciências, Artes, Inglês, apenas um desses

professores havia chegado à escola em 2019, os demais faziam parte da equipe desde 2017. A funcionária do administrativo entrevistada era a mais antiga da escola e estava lá desde 2015. A equipe gestora atuante no momento havia chegado à escola em 2018.

Era uma equipe jovem, unida e cheia de vontade, além disso, nos discursos estava sempre presente uma linha de pensamento coerente entre os colaboradores, todos consideravam importante o trabalho com projetos interdisciplinares que valorizam a cultura regional. Inclusive essa marca estava presente em todos os eventos e projetos da escola.

Quando decidi, em 2018, que desejava pesquisar acerca do ensino de história local na rede municipal de Garanhuns, levei em consideração a lei municipal 3.946/2013 que determina que as escolas comemorem o “dia de Garanhuns” com ações pedagógicas que lembrem aspectos da cultura e história local e me perguntava de que maneira essa lei vinha interferindo no ensino de história, no ensino fundamental II, na rede municipal de Garanhuns.

Sou professora efetiva da rede municipal, mas estava afastada por licença sem vencimentos, desde 2014. Cheguei à Escola Municipal Instituto Presbiteriano de Heliópolis em 2019, para complementar minha carga horária com aulas em uma única turma de oitavo ano, que aconteciam às sextas-feiras no turno da tarde. Permaneci com essas aulas apenas até março de 2019, quando saiu o meu afastamento para estudo da rede municipal. Meu contato com a escola era muito limitado.

Em conversa informal com a equipe gestora da referida escola, tomei conhecimento do projeto “Memórias de Garanhuns”, todos falavam com muito orgulho da vivência desse projeto que teve sua primeira edição em 2018 e teve uma grande repercussão na comunidade escolar e na mídia local, estavam muito felizes com os resultados da experiência do ano anterior e já dedicados à organização da edição de 2019 do projeto. Encontrei naquele momento o meu lugar de pesquisa, a escola tinha vivido a experiência, estava usufruindo os resultados e estava se preparando para novas experiências. Então, estavam ao meu alcance os personagens e os fatos. O único desafio era a ausência de fontes. Perguntei aos colegas pelas fotos e registros escritos e não tinham como localizar, havia apenas uma notícia no portal do G1.

A escassez de registros não me surpreendeu, tendo em vista que, na minha experiência como professora já acompanhei e até participei de projetos pedagógicos que não foram devidamente registrados, que as fotos e poucos registros se perderam em meio a tantos outros projetos e tarefas do cotidiano escolar. Além disso, a escola não contava com recursos suficientes, por exemplo, não havia nenhum computador para uso específico dos professores e equipe pedagógica. As possibilidades eram as fontes orais, os raros registros citados e o

acompanhamento da vivência do projeto “Memórias de Garanhuns” em 2019 e 2020, além da disponibilidade dos colegas da gestão em colaborar para minha pesquisa.

Ciente do cenário que se apresentava, dos limites e possibilidades, passei a fazer visitas semanais a escola. A intenção das primeiras visitas era que estudantes e professores se familiarizassem com minha presença e também coletar informações que pudessem ajudar na pesquisa, essas informações eram registradas em um diário de bordo. Após cerca de três visitas, apliquei o questionário nas turmas dos nonos anos, com o objetivo de conhecê-los, entender suas relações com a disciplina história e o envolvimento no referido projeto.

Nas próximas visitas, comecei a procurar um professor que pudesse se ausentar da sala de aula e me acompanhar até a sala dos professores, enquanto essa estava desocupada, para entrevistar e gravar a entrevista, entre visitas fracassadas e bem sucedidas, fui conseguindo entrevistar os professores individualmente, com essas pude escrever parte do segundo capítulo deste texto.

Para escrever o primeiro capítulo, Garanhuns: História e Memória, utilizei a pesquisa bibliográfica de autores locais que tratavam sobre a História de Garanhuns, além de alguns blogs de comunicadores da região e do Instituto Histórico e Geográfico de Garanhuns, bem como, sites como o da Prefeitura Municipal de Garanhuns. O objetivo desse capítulo foi envolver o leitor no cenário da cidade utilizando informações sobre acontecimentos históricos mais presentes na memória local, monumentos, manifestações culturais e patrimônios que caracterizam um pouco a história e cultura do lugar, e alguns personagens marcantes nos registros históricos e imaginário popular.

No capítulo dois, que nomeei: O Ensino de História Local ATRAVÉS DO Projeto Pedagógico: “Memórias de Garanhuns”, foi onde apresentei a Escola Municipal Instituto Presbiteriano de Heliópolis, abordei as experiências do projeto “Memórias de Garanhuns” de 2018 e 2019, para tanto utilizei as informações obtidas com professores, do Ensino Fundamental II, da referida escola, nas entrevistas orais. Ainda nesse capítulo, trouxe algumas abordagens teóricas sobre assuntos como: ensino de história, currículo, diretrizes da educação, ensino de história local, identidade e memória. Com aporte em autores como: Bittencourt (2010 e 2011), Carretero (2007 e 2011), Cerri (2014), Martins (2010), Pacheco (2010), Portelli(2016), Santhiago e Magalhães (2015).

Iniciei o terceiro capítulo, Aprendizagem Histórica e Saberes Docentes, com abordagens teóricas acerca de conceitos como: ensino e aprendizagem histórica, consciência histórica, formação docente. Para tratar esses conceitos tomei como base autores como: Bauman (2001), Bittencourt (2008), Cerri (2014), Ciampe (2003), Nikitiuk (2004), Rüsen

(2007;2015). Em uma segunda parte apresento os estudantes e as ideias que expressaram nos questionários, sobre a disciplina história e o projeto “Memórias de Garanhuns”, bem como, parte dos relatos das entrevistas orais. Na terceira parte, abordo os resultados dos questionários enviados aos professores.

A minha expectativa para este trabalho é que possa contribuir para a reflexão e o debate sobre o ensino de história na perspectiva do contexto do estudante e da comunidade escolar, podendo ser considerado em diversas realidades da educação pública.

1.GARANHUNS: HISTÓRIA E MEMÓRIA

Garanhuns é uma cidade de médio porte, localizada no agreste do Estado de Pernambuco, com uma população de, aproximadamente, 139.000 mil habitantes, segundo estimativa do IBGE em 2017. Chama atenção pelo seu clima ameno no verão, devido a sua altitude de aproximadamente 900 metros, estando situada no Planalto da Borborema. Segundo Cavalcanti (1983), foi inicialmente ocupada por índios dos povos Cariris e começou a receber povos de origem europeia e africana na primeira metade século XVII, fugitivos da invasão holandesa. Recebeu também levas de remanescentes do Quilombo dos Palmares, após a destruição desse, até hoje, abriga comunidades de origem quilombola. A neta de Domingos Jorge Velho¹, Simôa Gomes, em 1756,doou uma quadra de terras a Confraria das Almas, em 1811, Santo Antônio de Garanhuns foi elevada a categoria de vila e em 1879 ²tornou-se a cidade de Garanhuns.

Observando o mapa, é possível compreender a localização do estado de Pernambuco no Nordeste brasileiro, indicado por uma seta, fazendo fronteira com os estados da Paraíba, Alagoas, Ceará, Piauí e Bahia (Figura 1).

Figura 1 - Mapa Nordeste



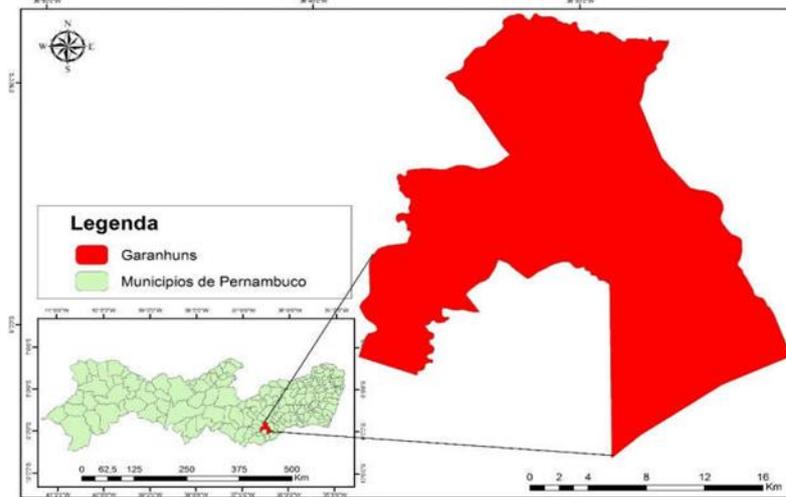
Fonte: Modificado de IBGE (2020)

¹ Domingos Jorge Velho (1641-1705), bandeirante paulista, liderou as tropas que destruíram o Quilombo dos Palmares.

² Há divergência quanto à data que Garanhuns tornou-se município, por muitos anos o aniversário foi celebrado com referência ao dia 04 de fevereiro de 1879. A partir de 2014, com a descoberta de um novo documento pelo Instituto Histórico e Geográfico, passou a ser comemorado com referência ao dia 10 de março de 1811.

No mapa de Pernambuco, destacada em vermelho, é possível localizar Garanhuns, no Agreste Meridional do Estado, próxima a fronteira de Pernambuco com Alagoas (Figura 2).

Figura 2 - Localização de Garanhuns em Pernambuco



Fonte: (DEUS, 2017)

Para compreender a peculiaridade de Garanhuns preciso destacar suas características geográficas. De acordo com Teixeira (2016), sua altitude chega, no ponto mais alto, o Alto do Magano, a 1030 metros acima do nível do mar, lhe favorece com um clima diferenciado de áreas próximas. Composta por sete colinas: Monte Sinai, Triunfo, Columinho, Ipyranga, Antas, Magano e Quilombo. Possui um terreno fértil de muitas ladeiras, belas paisagens, vegetação de agreste e abundância de águas puras³. Surpreende por se localizar no Nordeste e muito próxima ao sertão, com uma temperatura média de 21°, variando no inverno entre 16°. Cerca de 90% do seu território na área urbana e 10% de área rural, dividida entre seus distritos: São Pedro, Iratama e Miracica. Com relação às características do agreste, Teixeira (2016), esclarece:

Garanhuns está situada na Região Agreste Meridional de Pernambuco, zona de transição entre a Mata e o Sertão. Caracteriza-se pela mistura da vegetação exuberante daquela com as plantas xerófilas deste, ora com predominância de uma, ora de outra(...) É o Agreste uma região menos sujeita às secas do que o Sertão, apesar de igualmente afetada nas grandes estiagens (TEIXEIRA, 2016, p.52).

³ Essa é a caracterização que sempre identifiquei Garanhuns, mas há que se lembrar de que a agressão ambiental, com destaque para o desmatamento, foi muito forte na região nos últimos anos, o que provoca uma elevação nas temperaturas e diminuição dos recursos hídricos. Porém, se comparada a outras áreas do agreste e sertão nordestino, Garanhuns ainda oferece um clima agradável como atração aos visitantes.

A foto aérea mostra parte da cidade vista a partir do centro, é possível ver o prédio do Centro Cultural, parte do centro da cidade, parte do Alto do Ipiranga e bairro da Boa Vista, do lado esquerdo e parte do Alto do Magano do lado direito (Figura 3).

Figura 3 - Vista Panorâmica de Garanhuns



Fonte: Modificada de Updronepe (2017)

Garanhuns se destaca em diversos polos, como o médico, contando com um grande número de profissionais nas mais variadas especialidades, polo comercial, que hoje ocupa o centro da cidade e diversos bairros e polo educacional, oferece várias escolas da rede pública e privada com educação básica, além de instituições de ensino superior, como a Universidade Federal Rural do Agreste, um campus da Universidade de Pernambuco, uma Autarquia de Ensino Superior e um Instituto Federal, atende aproximadamente 40 municípios da região do Agreste Meridional e parte da Mata Sul.

1.1 Entre o Passado e o Presente

A memória histórica de Garanhuns, encontrada nas bibliografias locais, blogs e obras de memorialistas utilizadas nesta pesquisa, carrega consigo muitas contradições que começam com seu topônimo, existindo duas explicações mais aceitas, uma explicação seria a de que a denominação Garanhuns haveria derivado da existência de muitos guarás, uma espécie de caninos selvagens, e o anum ou anhum, um pássaro preto que era comum na região, outra explicação é que teria origem em uma tribo do povo Cariri chamada de Unhanhu, que teria habitado estas terras.

A bandeira do município apresenta figuras de três pássaros pretos que representam os anuns e assim, a origem do nome, além disso, pode se ver na bandeira três círculos brancos com ondulações em azul que representam os recursos hídricos, as fontes de águas minerais:

Vila Maria, Pau Amarelo e Serra Branca , os pássaros encontram-se em um fundo branco simbolizando a paz e os círculos brancos ficam em um fundo vermelho simbolizando a força e o trabalho (Figura 4).

Figura 4 - Bandeira de Garanhuns(1957)



Fonte: (BENTO, 2018, p.2)

Outra contradição envolve as informações e registros sobre a “fundadora da cidade”, Simôa Gomes. Na memória social da população de Garanhuns e nas produções históricas locais, inclusive em fontes do Instituto Histórico e Geográfico de Garanhuns, Simôa Gomes é conhecida como uma neta de Domingos Jorge Velho, filha de Miguel Coelho Gomes com uma índia Unhanhu, relaciona-se a origem da cidade a doação que a mesma, então viúva, fez de suas terras à Confraria das Almas, questiono esta informação, visto que a região já era habitada por indígenas, recebeu muitos quilombolas advindos do Quilombo dos Palmares e veio tornar-se Vila apenas em 1811, cinquenta e cinco anos após a doação realizada por essa personagem, que possui um busto de homenagem na avenida que recebe o seu nome, Simôa Gomes, localizada em um ponto de destaque na cidade.

No blog do Instituto Histórico e Geográfico de Garanhuns existe uma foto publicada por Gueiros (2020) da árvore genealógica de Simôa Gomes, onde é apresentada como neta de Domingos Jorge Velho e Jerônima, não apresenta o sobrenome dessa, filha de Miguel Coelho Gomes, apresentado como filho único, algo estranho para a época, o nome da índia Unhanhu, mãe de Simôa não é apresentado (Figura 5).

Figura 5 - Árvore Genealógica de Simôa Gomes

Fonte: (GUEIROS, 2020)

As lacunas que essa narrativa deixa me chamam atenção em vários aspectos, por exemplo, a ausência do nome da índia, mãe de Simôa Gomes, isso faz parecer uma tentativa de colocar em evidência o protagonismo do homem branco na origem da cidade.

No busto de Simôa se destaca a cruz, símbolo do cristianismo, ressaltando a religiosidade da personagem, característica citada frequentemente em textos locais sobre a própria (Figura 6).

Figura 6 - Busto de Simôa Gomes

Fonte: Acervo próprio (2020)

Embora se destaque a figura de Simôa, uma mulher, seu nome em todos os registros estar associado a um dos homens a sua volta, seu avô, seu pai ou seu marido. Quando se pergunta na cidade quem foi Simôa Gomes, a resposta é sempre acompanhada da informação, neta de Domingos Jorge Velho, essa informação consta inclusive no texto do busto de homenagem a referida personagem (Figura 7).

Figura 7 - Texto busto de Simôa Gomes



Fonte: Acervo próprio (2020)

É claro que no contexto do século XVIII, uma mulher ser mencionada na história é algo raro de se encontrar, tanto é, que uma grande maioria sabe que Garanhuns tem o apelido de “terra de Simôa”, isso se deve a música de Onildo Almeida⁴, mas desses, alguns nem sabem que se trata de uma mulher. Enquanto isso, a associação da chegada dos negros vindos do Quilombo dos Palmares ao povoamento desta região fica em segundo plano, não quero julgar, mas parece clara uma intenção desses registros na preservação da memória, quanto à hegemonia do homem branco sobre os índios e negros.

Segundo Cavalcanti (1983), a fazenda do Garcia e os sítios do Flamengo e o do Buraco constituíam a área onde viria a se formar o município de Garanhuns, o mesmo alega que uma “anomalia” teria atrasado o desenvolvimento da região, essa “anomalia” seria a chamada “República dos Palmares”, os negros que “fugiram” para esta região após o ataque ao Quilombo teriam saqueado tanto a região que no momento que o marido de Simôa Gomes adquiriu as terras, o que era chamado de Fazenda do Garcia, passava a ser conhecido como Tapera do Garcia. O uso da expressão “anomalia”, bem como a referência ao povo negro como fugitivo, ressalta a visão racista do autor em texto escrito na década de 1980. “No decorrer dessas destruições, foi tão depredada a fazenda do Garcia que, adquirida por compra, em 1705, pelo então sargento-mor e posteriormente tenente-coronel Manoel Ferreira de Azevedo, era chamado Tapera do Garcia” (CAVALCANTI, 1983, p. 36).

⁴Onildo Almeida, nascido em 1928, é um compositor nordestino, escreveu a música “Onde o Nordeste Garoa”, gravada por Luiz Gonzaga (Rei do Baião), em 1980.

Esse relato revela como a presença do povo negro na região é representada como uma sequência de atos criminosos, enquanto a família que adquire por compra a referida fazenda é ligada ao “herói” Domingos Jorge Velho por parentesco.

Na dissertação acerca da comunidade quilombola do Castainho, da pesquisadora Santos (2010), é possível perceber que até a Constituição de 1988 a discussão em torno dos direitos dos quilombolas no Brasil era ainda mais precária que nos dias de hoje e até o momento de sua pesquisa, em 2010, é notável o desconhecimento da população de Garanhuns sobre as comunidades quilombolas localizadas na área do município, ela entrevistou cidadãos em quatro bairros de Garanhuns e identificou um conhecimento vago ou inexistente sobre a existência de quilombos na região.

É notório também que há um desconhecimento por parte da população acerca dos quilombos em geral. De acordo com a escala o reconhecimento é maior ou menor: em escala nacional, o Quilombo do Castainho é bem reconhecido, em escala local o conhecimento é bem menor (SANTOS, 2010, p. 41).

Essa é uma lacuna na narrativa que precisa ser reparada e o ensino de história local precisa tratar. Ainda considerando o estudo de Santos (2010), Garanhuns possui em seu território cinco comunidades que se identificam como quilombolas, Castainho, Estivas, Estrela, Tigre e Timbó. Com titulação reconhecida apenas o Castainho, encontrei estudos apenas sobre este, mas há indícios de que a origem de todas essas comunidades se relaciona ao Quilombo dos Palmares.

Uma explicação plausível acerca da concentração de negros na região Nordeste se fez em torno da cultura da cana de açúcar. A região sul de Pernambuco e norte do estado de Alagoas foi o grande palco da resistência dos negros aquilombados, a região do Quilombo dos Palmares (SANTOS, 2010, p.128).

Como pode ser visto, no mapa da página 18 deste texto (Figura 2), Garanhuns encontra-se situada na região sul de Pernambuco e próxima a fronteira com a região norte de Alagoas. Ainda há muito a ser pesquisado em torno dessa temática quilombola e se faz urgente, sendo inaceitável tratar sobre o povoamento e história de Garanhuns sem mencionar essa falha nos registros dos historiadores e memorialistas locais.

1.1.1 A Data Magna

Em 1878, o senhor deputado provincial, Silvino Guilherme de Barros, Barão de Nazaré, veio à vila Santo Antônio de Garanhuns para se hospedar e repousar, por recomendações médicas e devido ao agradável clima do lugar. Retornando para Recife encantado com as qualidades da então vila, fez um discurso na Assembleia Provincial, defendendo a elevação da referida vila à categoria de cidade. Alfredo Leite Cavalcanti, no livro História de Garanhuns (1983), apresenta parte da discussão na Câmara, onde o Barão de Nazaré, exibe a então vila como lugar de clima agradável e terra fértil, onde já tinha um comércio de algodão estabelecido, a criação de gado, uma produção de manteiga e queijo de boa qualidade, ressalta também o projeto da linha férrea de atingir tal localidade. O Barão argumenta que a localidade haveria de prosperar ainda mais com a chegada do trem.

Entre os anos de 1979 e 2013, a cidade comemorava seu aniversário no dia 4 de fevereiro, correspondente ao ano de 1879, frente à lei defendida pelo então Barão de Nazaré. Novos estudos dos historiadores e do próprio Instituto Histórico e Geográfico passaram a contestar a data de aniversário e idade da cidade, alegando que Garanhuns enquanto vila, já era município, pois assim como os estados eram chamados de províncias, os municípios eram chamados de vilas. Além disso, até 1978 a data de comemoração era dia 10 de março.

Hoje é consenso entre os historiadores que o aniversário de Garanhuns deve ser comemorado no dia 10 de março, em referência a essa data no ano de 1811, quando D. João em carta régia criou o município de Garanhuns. A criação da Vila se deu quando o Brasil ainda era governado pela corte portuguesa, sediada na cidade do Rio de Janeiro, desde 1808. O impasse da data e idade de Garanhuns foi resolvido quando, em 2013, o professor Cláudio Gonçalves, então presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Garanhuns, conseguiu uma cópia da Carta Régia, a partir de 2014, a Data Magna do município passou a ser o dia 10 de março referente ao ano de 1811. Em artigo do blog do IHGG encontramos a seguinte informação: “A homenagem do Barão de Nazaré foi importante e deve ser lembrada, mas a mudança de título não acrescentou autonomia a Garanhuns” (CARDOSO, 2014, p.2).

Sendo assim, de acordo com o ponto de vista do IHGG, Garanhuns enquanto Vila já era município e em 2020 foi comemorado 209 anos de Garanhuns e não 141, como se acreditava segundo a perspectiva predominante até 2013.

1.1.2 O Trem: Chegada e Partida

O Barão de Nazaré tinha razão quando afirmou que o prolongamento da estrada de ferro traria muita prosperidade para estas terras. No dia 28 de setembro de 1887, foi inaugurado o terminal ferroviário de Garanhuns, na época o município tinha 26.000 habitantes, o primeiro trem foi recebido às onze e meia da manhã por uma grande multidão, bandas musicais e fogos. Na primeira viagem, vieram para a inauguração, o presidente da província, senhor Pedro Vicente de Azevedo, Dr Francisco Domingues Ribeiro Viana, chefe de polícia, o bispo de Olinda, Dom José Pereira da Silva Barros, e muitas outras pessoas e respectivos familiares. Cavalcanti (1983) relata os benefícios da ferrovia para a localidade.

Anteriormente, para o comércio com a praça do Recife, o transporte era feito em costas de animais, cujas tropas levavam seis dias para ali chegarem e outros tantos ou mais, gastavam os comerciantes para a realização dos negócios, inclusive tratamento dos animais e, ainda, outros seis dias para regressarem. Dezoito ou vinte dias para ida e volta de uma tropa de animais quando a distância que separava Garanhuns de Recife, pela estrada dos tropeiros, era de pouco mais de duzentos quilômetros. A facilidade de transporte pela via férrea, aos poucos foi transformando para melhor a vida comum. Aos naturais vieram se reunir os forasteiros que adquirindo terras pertencentes a latifúndios, as tornaram produtivas, aumentando a produção e, conseqüentemente, a riqueza do Município (CAVALCANTI, 1983, p.207).

Ainda, segundo Cavalcanti (1983), em 1887 a cidade possuía 250 construções, já em 1898, onze anos depois da chegada do trem, o número de construções dobrou para cerca de 500. Em 1908 o número subiu para 1014 prédios, note por essas informações que a cidade teve um crescimento contínuo após a inauguração da estação ferroviária. Ainda sobre a prosperidade da região a partir da linha férrea, Teixeira (2016), afirma:

O trem incrementou o progresso na região, inclusive a expansão urbanística, casas comerciais e residenciais, nos novos e modernos (para a época) padrões arquitetônicos, substituindo-se as casas de taipas (cipó, madeira e barro) por alvenaria, hotéis e palácios foram surgindo em torno das estações ferroviárias dessas cidades do Agreste e do Sertão (TEIXEIRA, 2016, p.183).

Inicialmente, a criação de gado era a atividade econômica mais relevante na área, mas o sucesso da atividade agrícola acabou levando a pecuária mais para o sertão. O solo da região dos Unhanhuns, era muito favorável à produção agrícola, com destaque para a produção de algodão e café para exportação, com a chegada da via férrea, essas atividades se aprimoraram e se intensificaram, devido à facilitação do transporte. A região possuía também uma farta oferta de árvores frutíferas, umbu, caju, manga, entre outras.

O café de Garanhuns, era muito apreciado, considerado um dos melhores sabores de café, valorizado nacionalmente e internacionalmente. Cavalcanti (1983), apresenta um dado referente a uma ata de 6 de setembro de 1877, da Câmara dos vereadores, onde consta que o Secretário do Presidente da Província enviou duas libras de café em cereja para ser distribuído entre os lavradores da região, mas no seu texto dar indícios de que a cultura do café já vinha sendo efetivada há décadas. Já Teixeira (2016), aponta que Garanhuns em 1933, foi alvo de uma campanha chamada de “Campanha dos Cafés Finos”, quando recebeu técnicos para analisar o café desta região.

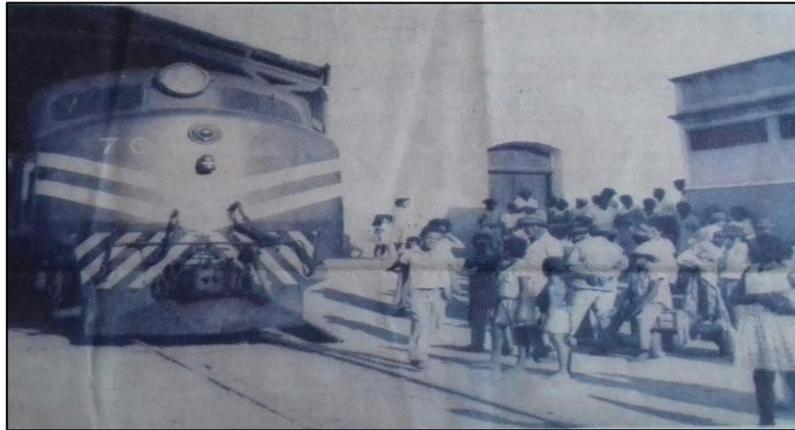
É que Garanhuns já era destaque nacional e internacional, através da grande Imprensa, por produzir o “melhor café do mundo”, nas terras férteis do seu então distrito Brejão, principalmente nas fazendas dos irmãos Figueira e Moreira, que tinham as melhores plantações de café (TEIXEIRA, 2016, p.331).

Em 1966, a cidade viveu um dia triste de sua história, foi decidido pelo Governo Federal a desativação do trem, esse foi um duro golpe para a sociedade e a economia local. No dia 19 de novembro do referido ano, populares se reuniram na Praça da Bandeira e outros ao longo da via férrea para ver o último trem partir. A decisão afetava toda a região circunvizinha e todo o progresso que o trem representava estava sob ameaça. Sobre esse assunto, Teixeira (2016) escreveu:

Aquela manhã de 19 de novembro de 1966 ficou como uma triste lembrança no imaginário coletivo do povo de toda Agreste Meridional, especialmente da população de Garanhuns e municípios circunvizinhos: o trem partia para não mais voltar, em decorrência de medida radical e desastrosa do Governo Federal de encerrar as atividades da Rede Ferroviária do Nordeste a partir daquela data (TEIXEIRA, 2016, p.184).

No blog de Anchieta Gueiros (2018), encontrei uma foto rara, que retrata o momento da partida do último trem em 1966, quando uma aglomeração de pessoas aguardava na Estação Ferroviária de Garanhuns (Figura 8).

Figura 8 - Última Viagem do Trem



Fonte: (GUEIROS, 2018)

1.1.3 Hecatombe de Garanhuns

Na obra de Lima(2009), que trata a respeito da hecatombe identifico que em 1917, Garanhuns viveu um episódio de violência extrema, num contexto político conturbado e disputado, em meio ao fervor do poder oligárquico dos coronéis, uma sequência de acontecimentos envolvendo, perseguição política, fraudes eleitorais, denúncias, desentendimentos, assassinato e desejo de vingança, acabou culminando em uma chacina. Esse fato marcou tanto a história da cidade que é impossível fazer uma abordagem histórica da mesma e não tratar do assunto. Essa tragédia aconteceu no momento que o Brasil vivia a Política do Café com Leite que se estruturava na Política dos Governadores e no Coronelismo.

Logo após a proclamação da República, o governo municipal de Garanhuns esteve sob o controle da família Jardim, já em 1912, o Coronel Júlio Eutímio da Silva Brasileiro foi eleito prefeito, em seguida, elegeu-se deputado à Assembleia Legislativa de Pernambuco, ao aproximarem-se as eleições municipais de 1916, os Jardinistas ganhavam apoio, diante da ameaça de perder o governo municipal e sem um candidato forte o suficiente para enfrentar os opositores, o Coronel Júlio Brasileiro se lançou candidato à prefeito mais uma vez e foi eleito, porém as eleições foram anuladas devido às fraudes constatadas. Novas eleições foram convocadas, o Coronel concorreu sozinho, mas foi morto antes de tomar posse.

O senhor Francisco Sales Vila Nova era Capitão da Guarda Nacional e jornalista, constantemente publicava artigos, que às vezes chegavam até aos jornais da capital, denunciando atos de violência, vandalismos e transgressões por parte de apoiadores do Coronel Brasileiro, sem que esse se esforçasse para contê-los. Na noite de 12 de janeiro de 1917, o então Capitão da Guarda foi encurralado e surrado por um grupo de mascarados,

acreditando que o atentado teria sido encomendado pelo próprio Coronel e deputado Júlio Brasileiro, no dia 14 de Janeiro de 1917, Capitão Sales, pegou o trem para a Capital e ao encontrar o senhor Júlio Brasileiro no Café Chile, Praça da Independência, lugar habitualmente frequentado por este, descarregou a sua arma contra o mesmo. O autor dos disparos foi preso em flagrante imediatamente.

A notícia da morte do Coronel foi recebida no dia 15 pela família, sua viúva, senhora Ana Deperron, reuniu todos os familiares e capatazes em sua casa onde declarou que não derramaria uma lágrima até que vingasse a morte do marido, o alvo da vingança seria os opositores políticos locais, visto que, todos acreditavam que Sales Vila Nova teria sido apenas um instrumento dos inimigos. A dureza das palavras da viúva, também conhecida como dona Menininha, é mencionada em vários registros de historiadores e memorialistas locais, na época, teve forte influencia entre os amigos e familiares do Coronel assassinado.

As saídas da cidade foram cercadas para impedir que os inimigos fugissem, as casas de alguns opositores foram invadidas e ficava cada vez mais difícil manter a ordem, na casa dos Brasileiros, bastante movimentada, mesmo antes da chegada do corpo, era o espaço onde a vingança era tramada. O delegado alegando que não tinha homens suficiente para garantir a segurança dos opositores ameaçados, ofereceu proteção aos mesmos na cadeia local. Só assim, segundo ele, seria capaz de evitar uma grande tragédia. De acordo com Lima (2009), a proposta parecia uma solução no momento, mas depois que todos concordaram e ficaram trancados na cadeia, os Brasileiros organizaram uma investida, atacaram o lugar, onde executaram 14 pessoas e entre elas o próprio cabo Cobrinha, que oferecia segurança aos presos. Se, o delegado desejava evitar a chacina, na verdade facilitou o trabalho dos Brasileiros.

1.1.4 A “Terra onde Padre mata Bispo”

Analisando a história de Garanhuns na narrativa de Cavalcanti (1983) e Teixeira (2016) é notável que a presença da Igreja Católica foi sempre muito constante em Garanhuns, desde os primórdios de sua história, assim como em todo o Nordeste brasileiro, a partir do contato com o europeu. Essa instituição se oficializou junto ao colonialismo no Brasil e persiste predominante até os dias de hoje, mesmo com uma queda na proporção atual em relação ao protestantismo, segundo IBGE (2017), o catolicismo da própria Simôa Gomes a motivou a doar suas terras à Confraria das Almas e o prédio da igreja foi uma das primeiras construções da localidade.

A Diocese de Garanhuns foi criada em 1918 pelo Papa Bento XV, até então era parte da Diocese de Olinda, o seu primeiro Bispo foi Dom João Tavares de Moura, mas aqui vou falar especificamente do quinto Bispo de Garanhuns, Dom Francisco Expedito Lopes, que foi vítima de um episódio trágico e marcante na história da cidade, lembrança muito viva na memória de seu povo.

Dom Francisco Expedito Lopes chegou a nova diocese em Fevereiro de 1955, entre as demandas que chegavam ao novo Bispo havia uma série de denúncias sobre um padre namorador, era o padre Hosana de Siqueira, da paróquia de Quipapá. Teixeira (2016), mostra os boatos e suas repercussões para época:

Muita gente, fora e dentro da Igreja, sabia dos rumores. Do disse-me disse-me[sic]. Naquela época, ainda havia a confissão, ao Padre que, quase invisível aos olhos do pecador, ajoelhado e separado sob uma tela, revela o seu rosário de pecados para, em seguida, receber a recomendação sacerdotal de rezar tantos “Pai Nosso” e tantas “Ave Marias” e o compromisso de não voltar a pecar. E invariavelmente, a proclamação do padre perdoando-lhe os pecados. Sem saber nem sequer imaginar o pobre e quase reincidente pecador. Havia sim, um padre namorador. Para o caboclo, matuto do interior, ainda nos anos 50, tempo de alguma rigidez de costumes e de muita fé e credibilidade na palavra da Igreja, pelos seus representantes - os padres, bispos, arcebispos, cardeais, etc.(TEIXEIRA, 2016, p.199).

Diante das repetidas acusações, o Bispo precisava tomar atitudes, escreveu algumas cartas ao Padre Hosana, que respondia com rebeldia, em uma correspondência, no final do ano de 1956, tentando acordo, o Bispo propôs que o Padre pedisse afastamento de suas funções, o Padre respondeu a esse com ameaças.

Em junho de 1957, o Bispo baixou um decreto suspendendo o Padre Hosana, enviou telegramas ao Juiz de Direito e ao prefeito de Quipapá informando a decisão, e no dia 29 de

Junho de 1957 encaminhou o Padre Acácio Alves à rádio Difusora de Garanhuns, com o propósito de ler nota oficial no programa semanal “A voz da Diocese”, às 18 horas.

Teixeira (2016) relata que o padre tentou entrar na rádio durante a transmissão do programa para fazer sua defesa, mas foi impedido pelo gerente da rádio, então, pegou um carro e foi ao Palácio Episcopal, tocou a campainha, o próprio Dom Expedito abriu a porta central da casa, nesse momento, o padre Hosana, sem dizer nada, fez três disparos contra o mesmo e saiu caminhando calmamente. O assassinato do Bispo foi noticiado e repercutiu mundialmente.

1.1.5 O “Estrondo”

Lembro de minha vó materna, dona Dedé (1923- 2019), relatando o dia do estrondo, no ano de 1980, ela morava na zona rural, cerca de 15 quilômetros de distância da área urbana de Garanhuns suas filhas, ainda solteiras, estavam na cidade para trabalhar e estudar. Ela dizia que estava estendendo roupas quando ouviu um grande estrondo vindo da cidade, ficou muito preocupada, sem saber o que estava acontecendo e só veio ter notícias da fatalidade dias depois. Felizmente suas filhas estavam bem, mas quatro pessoas morreram e cerca de quarenta ficaram feridas.

Alguns entenderam aquele fato como um castigo, pois aconteceu no dia de Corpus Christi, justamente quando o Bispo local havia tentado o fechamento do comércio, mas não foi ouvido pelos comerciantes e autoridades locais, sendo castigo ou não, desde então Garanhuns fecha seu comércio no dia de Corpus Christi e se perguntar a qualquer cidadão com mais de 40 anos certamente ouvirá a afirmação: “o comércio não abre por causa da explosão da barraca de fogos nesse dia santo”.

Às 8h da manhã do dia 05 de Junho de 1980, um curto circuito em uma barraca de fogos no centro da cidade, provocou uma explosão e dez segundos depois a barraca vizinha também explodiu. A explosão provocou um grande estrondo e atingiu as casas comerciais da Avenida Santo Antônio, algumas tiveram suas portas arrancadas e outras, as estruturas de gesso desabaram, em alguns casos até os tetos foram arrancados, o Banco do Brasil foi um dos mais afetados.

A imagem é parte do acervo de Macilon Falcão (1980) e retrata o local da explosão logo após o fato (Figura 9).

Figura 9 - Avenida Santo Antônio após a explosão.



Fonte: (FALCÃO, 1980)

As barracas de fogos ficavam sob a marquise que protegia o Bar Colunata, em uma extremidade da avenida principal do comércio e o impacto da explosão chegou a atingir a Igreja Catedral de Santo Antônio, que fica na extremidade oposta. Esse acontecimento é considerado o mais trágico ocorrido na cidade depois da Hecatombe e um marco na memória de seu povo. Como afirmou um cidadão que disse que na época tinha sete anos: “Hoje em dia estamos acostumados com notícias ruins, mas naquele tempo esse acontecimento impressionou muita gente.” Alguns comentários encontrados em um blog de notícias locais, que tem um artigo de 2013, lembrando o acontecimento, confirmam a percepção popular do fato (Figura 10).

Figura 10 - Comentários sobre Explosão



(Reportagem do Professor e Jornalista José Rodrigues da Silva (saudosos memória), para o Jornal "O Monitor" em junho de 1980 - Foto: Avenida Santo Antônio após a explosão).

por Roberto Almeida Roberto Almeida às 08:06:00

10 comentários:

Anônimo 5 de junho de 2013 09:06
 Lembro que neste mesmo tempo o Bispo Dom Tiago travava uma luta com o comércio para manter o feriado do dia Santíssimo do Corpo de Deus. Mas como o dinheiro parece ser mais importante para alguns, o comércio estava para abrir. Não digo um castigo, mas não seria um sinal? Não há o que se discutir pois esta resposta ninguém poderá dar, mas vale a pena pensar! Acorda Garanhuns!
[Responder](#)

Amigo Roberto 5 de junho de 2013 10:01
 Amigo Roberto, lendo a matéria e um filme passado em minha cabeça. era aluna do Colégio Santa Sofia e estava na Catedral de Santo Antônio onde participava da Missa de Corpus Christi quando ouvimos o barulho. Senti muito medo. Um horror
[Responder](#)

Anônimo 5 de junho de 2013 13:01
 Tudo isso só acontece por causa dos eretjes que não acreditam no poder de Deus. Quem brinca com Deus termina assim. Quem desafia Deus mais cedo ou mais tarde tem o que merece sua ignorância.
[Responder](#)

Fonte: Modificado de Almeida (2013, p.2)

1.2 Garanhuns Hoje

Cidade das Flores, Terra da Garoa, Terra de Simôa, Suíça Pernambucana, esses são alguns dos apelidos da cidade, observe que carregam consigo informações sobre as características climáticas e históricas do lugar. Cidade das Flores por causa de suas belas praças e jardins, Terra da Garoa e Suíça Pernambucana devido ao seu inverno muito frio e Terra de Simôa por homenagem a sua “fundadora”.

Garanhuns, concentra cerca de quinze bairros e seu comércio, suas escolas e universidades atendem cerca de quarenta cidades do agreste meridional, além de, parte da zona da mata sul do estado. Possui um hospital público regional, o Hospital Dom Moura e outros dois particulares, além de consultórios e clínicas que atendem a população regional e do Hospital Infantil que foi criado como entidade beneficente pelo padre Matias Lemmens, da Igreja de São Sebastião do Bairro da Boa Vista. A economia da cidade é movimentada basicamente pela procura das pessoas por esses serviços e pelo turismo.

O turista é atraído para a cidade pela beleza de suas praças, parques e monumentos, pelo Festival de Inverno no mês de Julho, que oferece diversas atrações culturais em vários polos da cidade, pelo Festival Viva Domiguinhos, pelo Natal, quando é feita uma bela decoração nas principais praças com muitas luzes e uma programação musical que dura mais de três semanas, contando com a participação de artistas reconhecidos nacionalmente. Além

desses, o turismo religioso também é forte na cidade, a exemplo das visitas ao Santuário Mãe Rainha que atraí cerca de cinco mil devotos todos os finais de semana.

O setor industrial de Garanhuns, com uma multinacional, duas fábricas de café, uma fábrica de ração animal e algumas fábricas de laticínios de grande, médio e pequeno porte. Além de fontes e distribuidoras de água mineral.

1.2.1 Parques, Praças e Monumentos

Chegando a Garanhuns o encantamento por suas praças, parques e pontos turísticos é, inevitável, entre esses destacarei alguns que chamam mais atenção de seus visitantes.

O Parque Ruber van der Linden, também conhecido como Pau Pombo, é uma reserva ecológica que possui várias espécies vegetais catalogadas e atualmente abriga diversos pássaros, saguins e preguiças, possui um restaurante e área de calçamento onde são realizados shows durante o Festival de Inverno, entre as áreas de vegetação mais densa existem trilhas para que os visitantes possam conhecer mais de perto suas espécies. Ao entrar no parque, o visitante se depara com uma pequena fonte de água cercada de flores e um busto do fundador do parque, Ruber van der Linden, este foi um cidadão de Garanhuns que viveu entre os anos de 1896 e 1949, era engenheiro, poeta, escritor e exerceu a profissão de professor de Física, Química, Botânica e Línguas no Colégio 15 de Novembro, quando foi gerente da Empresa de Abastecimento de Água e Luz de Garanhuns organizou o referido Parque Ecológico (Figura 11).

Figura 11 - Parque Ruber van der Linden



Fonte: (GARCEZ, 2013, p.1)

O Coronel Euclides Dourado foi prefeito de Garanhuns de 1923 a 1929, criou o Parque dos Eucaliptos , hoje conhecido com o nome de Parque Euclides Dourado, um lugar apropriado para eventos culturais, passeios e atividades físicas, possui uma pista de cooper, área livre para ciclistas, área de lazer para crianças, um observatório astronômico, esculturas, academia ao ar livre, quadra de esportes e a Biblioteca Municipal Luíz Brasil. Cercado por grades e repleto de pés de eucaliptos, que lhe oferecem sombra e aroma agradável, localizado no coração do bairro Heliópolis é um lugar muito prestigiado por turistas e moradores de Garanhuns.

No alto do Magano, ponto mais alto, é possível ver toda a cidade, lá tem uma imagem do Cristo Redentor no monumento “O Mirante”. Nas proximidades desse monumento é realizado o espetáculo teatral ao ar livre “ Jesus, Alegria dos Homens”, no período da Semana Santa. Garcez, retrata na foto a imagem do Cristo no monumento O Mirante (Figura 12).

Figura 12 - O Mirante do Alto do Magano



Fonte: (GARCEZ, 2013, p.1)

Em 1923 o então prefeito Euclides Dourado, inaugurou o monumento à Independência no bairro da Boa Vista, no Monte do Ipyranga, conhecido popularmente como Alto do Pirulito, acredito que devido a aparência do monumento. No acervo de Falcão (1923), foi possível preservar o momento de sua inauguração em fotografia(Figura 13).

Figura 13 - Inauguração do Monumento à Independência



Fonte: (FALCÃO, 1923)

A Praça Tavares Correia foi construída em 1968, fica situada no início da Avenida Rui Barbosa (para quem chega da Capital), principal avenida do bairro Heliópolis, em 1979, recebeu a instalação do Relógio das Flores. Teixeira (2016) descreve muito bem este monumento.

O Relógio das Flores é uma atração à parte, na Praça Tavares Correia. Construído na administração do Prefeito Ivo Amaral, em 1979, é o único do Norte e Nordeste, medindo quatro metros de diâmetro, funciona a cristal de quartzo, com componentes transistorizados de alta tecnologia todos importados, atrasa apenas um minuto por ano. Os números e ponteiros são todos feitos com plantas e flores. (TEIXEIRA, 2016, p.167).

O Relógio de Flores é um dos principais cartões postais da cidade e sua caracterização pode mudar de acordo com a estação e com os cuidados com sua decoração. Abaixo foto de Garcez (Figura 14).

Figura 14 - Relógio de Flores



Fonte: (GARCEZ, 2013, p.1)

A Praça Souto Filho chama muita atenção de quem passa na Avenida 15 de Novembro, possui uma grande Fonte Luminosa e é junto com a Praça Tavares Correia um dos

pontos mais decorados durante o natal, está localizada em meio a bares, restaurantes, laboratórios, lanchonetes e do Colégio Presbiteriano 15 de Novembro.

Muitas outras praças podem ser citadas e todas guardam lembranças e homenagens que são consideradas importantes para a história da cidade, mas não vou me deter em detalhar tais informações para não me alongar em um ponto que, embora seja importante, não se trata do objetivo deste trabalho.

No centro da cidade, destaco a Praça João Pessoa que fica no início da Rua Dr. José Mariano, onde em vários momentos foi palco de debates políticos, inclusive em 1930. Praça Luiz Jardim, onde fica o Marco Zero da cidade e se avizinha ao espaço Colunata, ponto de encontro de manifestações culturais e políticas nos dias atuais, onde aconteceu a acidente com fogos de artifício em 1980, que já foi relatado aqui. A Praça Dom Moura localizada em frente a antiga estação Ferroviária e atual Centro Cultural Alfredo Leite Cavalcanti.

Além das citadas, muitas outras praças, bem cuidadas, em todos os bairros tornam muito agradáveis os passeios pela cidade. Mas, vou registrar uma crítica, muitos administradores mais recentes são reconhecidos como os “prefeitos das praças”, isso porque o alto cuidado com a manutenção das belas praças retira a atenção dos serviços básicos e essenciais às classes mais pobres da sociedade de Garanhuns.

1.2.2 Manifestações Culturais e Eventos

Quando o assunto é cultura e evento, o Festival de Inverno de Garanhuns (FIG) é o que mais chama a atenção para essa cidade. De acordo com Teixeira (2016), primeiro FIG aconteceu em 1991, a partir da ideia de Marcílio Reinaux, professor da Universidade Federal de Pernambuco, filho de Garanhuns, havia participado do Festival de Inverno de Campos do Jordão-SP e trouxe a inspiração ao então prefeito Ivo Amaral, que acatou a ideia e levou ao Governador do Estado, hoje o FIG é um dos maiores festivais culturais do Nordeste, ocorre anualmente, no mês de Julho e é organizado pela Secretaria de Cultura de Pernambuco (Secult-PE) e da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe). É patrimônio cultural e imaterial de Pernambuco, conforme a Lei nº 13.878 de 2009, sancionada pelo Governador Eduardo Campos.

Em 2019 o FIG teve vários polos de apresentações musicais, de dança, audiovisual, oficinas e teatro. Vou descrever alguns polos do FIG aqui, mas já adianto que é difícil limitar tamanho evento a um texto, as informações que se seguem levam em consideração a

programação oficial de 2019, divulgada em página da prefeitura municipal, lembrando que de ano a ano ocorrem algumas variações quanto a localização de algumas atividades. Além disso, vários grupos de iniciativa privada também desenvolvem atividades simultâneas às atividades do próprio festival.

O Palco Mestre Domiguinhos fica localizado na Esplanada Mestre Domiguinhos, é o maior polo do festival, lá ocorrem shows de atrações nacionais e internacionais, a programação segue dez dias de apresentações musicais das 21 horas às 3 horas da manhã.

O Teatro Luiz Souto Dourado fica no Centro Cultural Alfredo Leite Cavalcanti, as apresentações ocorrem na parte da tarde e início da noite durante nove dias do FIG, as peças teatrais são obras nacionais com destaque para Pernambuco.

A Catedral de Santo Antônio, localizada no centro, sedia apresentações de orquestras, óperas e músicas clássicas, essas apresentações ocorrem durante nove dias do FIG, das 18 às 20 horas.

O Cine Eldorado, localizado na Avenida Euclides Dourado, no Bairro Heliópolis realiza a exibição de obras audiovisuais nacionais, as exibições ocorrem durante a tarde e embora ocorra em um espaço privado é aberta ao público e organizado pela própria Fundarpe.

O Parque Euclides Dourado concentra diversos polos, o circo voltado para as crianças nas tardes, o Espaço Mamulengo, também é exibido nesse parque ao longo do dia, o “Som na Rural” toca em parte da noite, vários estilos musicais. O Palco Pop, até à meia noite tem apresentações de bandas de rock e da meia noite às três da manhã vira Palco do Forró. É também no parque que você encontra a feira de artesanato.

A Praça da Palavra é instalada na Praça Souto Filho, onde pode ser encontrada uma feira de livros e acontecem apresentações, palestras, oficinas, “contação” de história. As atividades acontecem ao longo de todo o dia e atraí um público diversificado de leitores e muitas crianças.

O Palco da Cultura Popular fica localizado no Espaço Colunata, no centro da cidade, onde ocorrem apresentações de grupos de Maracatus, Coco, Reisado, entre outras manifestações da cultura popular. Nesse palco, os grupos artísticos das escolas estaduais de Garanhuns e cidades vizinhas também se apresentam. As apresentações ocorrem durante nove dias de festival, inicia às 11 horas da manhã e vai até o final da tarde.

Parque Ruber van der Linden acomoda o palco de música instrumental, as apresentações ocorrem durante nove dias ao final da tarde, sedia também o Figuiño, mais um ponto de atração voltada para as crianças.

O Castainho, comunidade quilombola, fica afastado da área urbana, também vivencia atividades como palestras, apresentações culturais, gastronomia.

O SESC (Serviço Social do Comércio) Garanhuns também participa de forma ativa do FIG, favorecendo com exposições e oficinas.

Garanhuns já sediou outros festivais de música, como o Festival de Jazz, que ocorreu no período de carnaval durante oito anos consecutivos até 2015, quando foi transferido para Gravatá. O Festival da Jovem Guarda, que atraía no mês de outubro muitos turistas com apresentações de artistas desse estilo musical. Esses não ocorrem mais aqui na cidade, devido a problemas de ordem política e falta de investimentos.

Desde 2014, entre o mês de abril e maio, durante três dias, ocorre o Festival Viva Domiguinhos, quando forrozeiros e sanfoneiros de todo o Nordeste realizam homenagens ao artista Domiguinhos, que morreu em 2013 e era filho de Garanhuns, com nove anos foi descoberto pelo rei do baião, Luís Gonzaga, e mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 50.

Durante o Carnaval, a cidade tem um desfile tradicional na sexta-feira, o “Desfile das Virgens”, os outros dias a cidade tem alguns carnavais de bairro, na Boa Vista, no Magano, na Vila do Quartel, mas são festas de pequena abrangência. Muitas pessoas de Garanhuns se deslocam para o carnaval da capital ou algumas cidades vizinhas, outras pessoas da capital vem a Garanhuns para descansar ou para retiros espirituais que as igrejas promovem.

No período junino tem a Festa de Santo Antônio, o padroeiro da cidade, é uma celebração organizada pela igreja católica com o apoio da prefeitura, ocorre na catedral e em um palco montado na frente da igreja onde tem apresentações musicais de artistas locais e quermesse.

O natal tem sido uma celebração de destaque com o tema: “A Magia do Natal”, a prefeitura com o patrocínio de alguns empresários decora as principais avenidas e praças da cidade, para atrair os olhares de seus visitantes. Além disso, shows de artistas locais e nacionais ocorrem em um palco montado em frente a prefeitura.

1.2.3 Patrimônios Locais

Com relação à questão patrimonial em Garanhuns, algumas questões devem ser consideradas. A temática patrimônio é um ponto delicado, visto que, é recente a preocupação com a preservação, por exemplo, casas que foram construídas no século XIX e XX, que

teriam um valor histórico, foram demolidas e seus espaços utilizados para estacionamentos e prédios modernos, já que as mesmas situavam-se no centro da cidade.

A casa que sedia o Instituto Histórico e Geográfico, foi adquirida pela prefeitura e até o momento não foi tombada, mas é preservada pelo fato de atualmente a administração mostrar alguma⁵ preocupação com sua preservação, a casa foi projetada por um arquiteto italiano em 1919 e foi moradia de dois prefeitos (Figura 15).

Figura 15 - Instituto Histórico e Geográfico de Garanhuns



Fonte: (CARDOSO, 2019, p.1)

A antiga estação ferroviária, hoje Centro Cultural Alfredo Leite Cavalcanti, foi inaugurada em 1887 e funcionou como ramal da estrada de ferro que ligava Recife a Maceió até os anos de 1960, quando foi encerrada. Em 1979 foi reformada, transformado em centro cultural, quando foi preservada sua estrutura inglesa do século XIX, atualmente sedia o teatro Luiz Souto Dourado, onde ocorrem diversas atividades culturais. O prédio localizado no centro da cidade é tombado, segundo informação da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Figura 16).

⁵ Digo “alguma preocupação” porque hoje a casa precisa de reforma, inclusive da última vez que a procurei, estava com todo acervo do IHGG inacessível, devido a problemas estruturais. Então o prédio foi adquirido pela prefeitura e cedido ao IHGG, mas este não tem fins lucrativos e nem condições de realizar restauração e reformar na casa.

Figura 16 - Centro Cultural-Antiga Estação Ferroviária



Fonte: (IBGE,19--)

O Hotel Tavares Correia, localizado na avenida Rui Barbosa, foi construído em 1917 pelo médico Tavares Correia e funcionou como Instituto Médico e Cirúrgico, depois como Sanatório, hoje é administrado pelos descendentes de seu fundador e funciona como hotel, foi tombado em 31 de outubro de 2019, por decreto do Governo do Estado, após avaliação do Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Histórico, solicitada pela FUNDARPE desde 2010 (Figura 17).

Figura 17 - Hotel Tavares Correia/Antigo Sanatório



Fonte: (RABÊLO, 2020, p.1)

O prédio da antiga Rádio Difusora de Garanhuns foi adquirido recentemente por um empresário local, o mesmo assinou no dia 11 de Julho de 2019 um termo firmando com o Ministério Público de Pernambuco o compromisso de preservação do referido prédio que fora inaugurado em 1951(Figura 18).

Figura 18 - Antiga Rádio Difusora de Garanhuns



Fonte: (CÉSAR, 2020, p.2)

No jardim do Palácio Celso Galvão, Prefeitura Municipal de Garanhuns, encontra-se um Cedro Rosa que foi tombado como patrimônio de Garanhuns pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal em 1982, na foto é possível ver parte do Cedro Rosa no Jardim do lado direito da prefeitura (Figura 19).

Figura 19 - Cedro Rosa ao lado da Prefeitura



Fonte: (GUEIROS, 2017, p.2)

O Castainho, comunidade quilombola de Garanhuns, é tombado como Patrimônio Cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, conforme processo número: 1.401-T-97, de 14 de Fevereiro de 2017.

Como já foi dito, o Festival de Inverno é Patrimônio Cultural Imaterial de Pernambuco desde 2009.

O senhor Gonzaga de Garanhuns, Luiz Gonzaga de Lima, cordelista e mestre de reisado, praticante desta cultura há 60 anos é considerado Patrimônio vivo de Pernambuco, desde 2018, quando participou e foi eleito no XIII Concurso do Registro do Patrimônio Vivo do Estado, promovido pela Secretaria de Cultura do Estado e a FUNDARPE.

É importante destacar que, de acordo com minha pesquisa, esses são os patrimônios de Garanhuns que estão, de alguma maneira, oficialmente assegurados por tombamento ou por

proteção de alguma instituição. É evidente que a cidade com 209 anos tem muita história e cultura a ser considerada e preservada, mas como pode ser visto, esse processo é burocrático e depende de interesse das instituições.

Defendo que a educação patrimonial deve chegar ao povo a partir da valorização de patrimônios, mesmo que estes não sejam institucionalmente valorizados, mas que o represente. O acesso ao conhecimento patrimonial é um direito de todo cidadão e a educação patrimonial é o caminho para a garantia desse direito.

O Guia Básico de Educação Patrimonial publicado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) informa-nos que, por meio da prática de atividades de Educação Patrimonial, o patrimônio cultural pode e deve ser utilizado por todos que compõem a nossa sociedade, sejam na condição de crianças, jovens ou adultos, como fonte para o conhecimento, tanto individual quanto coletivo, sobre o nosso passado, sobre nossas tradições, capacitando-nos para que possamos usufruir e valorizar nossa herança cultural, bem como mediante processos de criação cultural, quando necessário, estejamos capacitados a atos de ressignificação, incorporando-a a nossa vida cotidiana, ao nosso dia a dia (OLIVEIRA, 2019, p.98).

A escola é um dos espaços onde a educação patrimonial deve ser priorizada, tendo em vista o seu papel na formação cidadã e ela precisa se articular a outros espaços patrimoniais de manifestações culturais e preservação histórica para cumprir tal responsabilidade.

Esse aspecto pode ser um dos garantidores da construção de uma cidadania plena, que não se restrinja simplesmente a posse de documentos ou ao ato singular de participar das eleições. Mas que faça com que esses grupos possam, com as próprias mãos, guiar seus destinos como cidadãos comprometidos com o seu passado. Nessa perspectiva é que podemos falar da utilização do patrimônio cultural, intermediado pela metodologia da educação patrimonial na sala de aula de história, geografia, matemática, português, pois para além desse seu potencial educativo, outra característica da metodologia é a utilização de forma interdisciplinar, de forma compartilhada de saberes a serem usufruídos, proporcionando uma educação dos sentidos, do olhar, do sentir, do ouvir, permitindo assim uma sensibilização patrimonial que garanta sentidos de preservação e de pertencimento desse patrimônio em relação à comunidade da qual ele faz parte (OLIVEIRA, 2019, p.100).

Por considerar a educação histórica e patrimonial importante, despertei para a pesquisa acerca do ensino de história local, no próximo capítulo abordarei algumas reflexões sobre o currículo e a história local, apresentarei a Escola Municipal Instituto Presbiteriano de Heliópolis e um pouco do trabalho de sua equipe com o ensino de história local por meio do projeto pedagógico “Memórias de Garanhuns”.

2. O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL ATRAVÉS DO PROJETO PEDAGÓGICO: “MEMÓRIAS DE GARANHUNS”

A provocação que este estudo faz em torno do ensino de história local exige uma reflexão sobre o currículo de história voltado para a educação básica, que determina diretrizes nacionais e que, de modo geral, acaba desprestigiando a abordagem local.

Para Dezemone (2019), Diretrizes Curriculares:

São normas legais obrigatórias, abrangentes, que orientam os planejamentos curriculares e auxiliam na organização das propostas pedagógicas na educação brasileira. As diretrizes são aplicadas a todos os sistemas de ensino, sejam municipais, estaduais, distrital e federal, tanto na rede pública quanto na rede privada (DEZEMONE, 2019, p.91).

É importante ressaltar que falar sobre currículo no momento atual é um desafio arriscado. Isso porque a Base Nacional Curricular Comum, segundo dados encontrados na página do Ministério da Educação (2020), começou a ser implementada no Ensino Fundamental em 06 março de 2018, quando professores de todo Brasil estudaram a BNCC, trata-se de um documento novo, com o qual os professores ainda estavam se familiarizando quando foram surpreendidos com a Pandemia do COVID-19 e tiveram que repensar, em caráter de urgência, sobre novos métodos de ensino, utilizando redes sociais e aplicativos diversos para manter a comunicação com os estudantes e uma aprendizagem possível.

Mesmo estando ciente das fragilidades das diretrizes prescritas, deixando claro o percalço em relação à BNCC descrito no parágrafo anterior, proponho pensar no ensino de história local articulado aos documentos que pode se contar no momento, a própria BNCC, os PCN's e a LDB.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, alterada pela Lei nº 12.796 de 2013, em seu Artigo 26, prevê na parte diversificada que “(...) os sistemas de ensino e os estabelecimentos escolares considerem características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela” (BRASIL, 2012).

Desse modo, a lei determina um padrão nacional, mas respeita a peculiaridade regional e local, oferecendo a escola e conseqüentemente ao professor a autonomia de adequação do currículo.

A recomendação é encontrada na parte diversificada, o que causa a impressão da pouca relevância dada a este direcionamento. Portanto, mesmo possuindo leis que

recomendam o ensino de história local, não há destaque para a importância dessa perspectiva. Essa constatação se torna ainda mais evidente se levarmos em consideração o espaço- tempo da disciplina história no ensino fundamental, que se reduz a duas horas-aulas no sexto e sétimo ano, três horas-aulas no oitavo e nono ano, com um programa extenso, além das dificuldades que se apresentam ao próprio professor de história, como nos lembra Martins (2010):

Não se trata de tarefa fácil. Os professores de História estão sabidamente sobrecarregados e enfrentam frequentemente, condições de trabalho adversas nas escolas brasileiras. Na maioria dos municípios e estados são raros os estudos históricos de boa qualidade sobre aspectos das trajetórias locais e regionais. Quando existem, há dificuldades para acessá-los. Mas os professores não podem desanimar. Precisam ampliar suas leituras, prestar mais atenção às especificidades locais e regionais, visitar museus e arquivos existentes nas áreas onde residem, acumular informações diversas sobre suas localidades, municípios, regiões e estados, procurar saber o que se está pesquisando nas universidades mais próximas. Sem dúvida, é mais trabalho. Todavia, esse trabalho não tem que ser realizado de uma só vez. Os professores de História, para levar às salas de aula a História Regional e Local, terão que virar pesquisadores. Ensino e pesquisa, teoria e prática terão que ser definitivamente associados, respeitando-se, é claro, as situações concretas vividas pelos profissionais da História (MARTINS, 2010, p.145-146).

No texto introdutório dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) já se apresenta um argumento que menciona a importância do respeito a diversidade e a localidade mas, fica claro que o objetivo principal do documento é garantir um padrão mínimo de acesso ao conhecimento, em um país como o Brasil onde garantir o mínimo na educação básica já exige um esforço extremo o debate em torno de tais instrumentos se faz muito necessário.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram elaborados procurando, de um lado, respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Com isso, pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania (BRASIL, 1998).

Como pode ser visto, os PCN's utilizam o adjetivo "necessários" para os conhecimentos que visa garanti, já a BNCC utiliza o adjetivo "essenciais" em relação as aprendizagens. "A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo que define o conjunto progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo da Educação Básica" (BRASIL, 2018).

Na página do MEC há um guia de implementação da BNCC, datado de 2020, que orienta um percurso com sete dimensões. Na análise deste guia vou buscar identificar o

espaço que é direcionado ao ponto de vista local. A consulta que fiz ao documento foi realizada entre dezembro de 2020 e janeiro de 2021, a última visita à página foi realizada em 15 de janeiro de 2021 e naquele momento a etapa 7 do percurso ainda estava em construção, segundo informação do próprio guia.

A dimensão 1 do Guia de Implementação da BNCC é definida como, “estrutura da governança e implementação da BNCC”, nessa etapa a recomendação se pauta na “colaboração entre redes estaduais e municipais para a (re)elaboração curricular” é dada ao município a escolha de se articular ao Estado, à outros municípios ou realizar isoladamente sua (re)elaboração. Na dimensão 2, com o título, “ estudo das referências curriculares” o documento propõe a formação de grupos e reuniões para a realização de estudos de textos e documentos acerca de diretrizes curriculares (BRASIL, 2020).

Na dimensão 3, nomeada como “ (re)elaboração curricular”, é mencionado a intenção de uma articulação da BNCC com a realidade local.

Esta etapa coloca em prática o que foi planejado até o momento e tem como resultado um novo documento curricular que deverá garantir as aprendizagens previstas na BNCC e servir como norte para elaboração ou revisão dos PPs da escola e do planejamento do professor. Nesta etapa, os maiores desafios serão: cuidar para que o processo maximize e valorize a participação de todos os profissionais das redes estadual e municipais e escolas públicas e privadas; que a estrutura e a proposta estejam claras e tenham coerência (na terminologia e na concepção de aprendizagem) e que o produto final tenha uma progressão adequada que garanta as aprendizagens previstas na BNCC dialogando com a realidade local (BRASIL, 2020).

A etapa 4 diz respeito a “formação continuada para novos currículos” de professores e profissionais da educação. A etapa 5 se refere a “revisão dos Projetos Pedagógicos”, essa revisão deve ser coordenada pelos gestores escolares com apoio das Secretarias de Educação e a participação de toda comunidade escolar. A dimensão 6 trata a respeito dos “ materiais didáticos e o alinhamento dos mesmos a BNCC”. A dimensão 7 se relaciona à “ avaliação e acompanhamento da aprendizagem” (BRASIL, 2020).

Como já foi dito inicialmente e pode ser percebido na análise, a BNCC é ainda muito recente, o processo de implementação foi interrompido e ainda há muito a ser considerado, ainda não existe uma avaliação que comprove a eficácia do documento e o material didático de apoio ao professor ainda não foi adaptado.

Considero que os livros didáticos com suas abordagens que privilegiam a história mundial e nacional, ou umas regiões em detrimento de outras contribuem para o distanciamento da disciplina escolar e o estudante. Além disso, as avaliações nacionais como

o SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica), utilizando o discurso da busca pela equidade acabam colaborando para uma homogeneização que não condiz com a realidade brasileira.

Um primeiro ponto a ser indicado é que dificilmente o material base com que trabalhamos em sala de aula, ou seja, os livros didáticos e apostilas, conseguirá dar contadas nossas especificidades locais. Como são produzidos para atender professores e alunos de norte a sul do país, esses materiais costumam trazer uma abordagem mais “ universal” da história, a que mais pessoas possam se relacionar e não têm como se aprofundar equanimemente em orientações para trabalhos referentes aos estados do Amazonas, da Paraíba, do Mato Grosso ou de Santa Catarina, por exemplo. Muito menos de cidades ou regiões diferentes dentro dos estados. O que isso significa é que , para engajar-se num trabalho de história local, os professores vão provavelmente ter que realizar suas próprias investigações para coleta e produção de material. Isso quer dizer, por outro lado, que um trabalho de história local é uma ótima oportunidade para a atuação dos próprios professores e alunos como sujeitos produtores do conhecimento eleito como objeto de estudo, atendendo também às discussões psicopedagógicas que prezam por uma educação centrada na promoção da autonomia, da responsabilidade e da proatividade dos alunos (COSTA, 2019, p.134).

E nesse contexto que a história local precisa resistir, como parte do nacional e global e não à parte. Em 2011, Bittencourt já trata da importância dessa articulação.

A história do “lugar” como objeto de estudo ganha, necessariamente, contornos temporais e espaciais. Não se trata, portanto, ao se proporem conteúdos escolares da história local, de entendê-los apenas na história do presente ou determinado passado, mas de identificar a dinâmica do lugar, as transformações do espaço, e articular esse processo às relações externas, a outros lugares (BITTENCOURT, 2011, p.172).

Na rede municipal de Garanhuns o currículo aplicado foi construído junto ao Estado de Pernambuco em 2018 e aplicado nas escolas de ensino fundamental em 2019, em 2020, devido ao distanciamento social e o fechamento das escolas, uma reorganização curricular, uma simplificação do anterior, com uma redução nos conteúdos foi enviada aos professores para orientar seus planejamentos, levando em consideração o contexto peculiar. Acompanhei esse processo como professora da rede.

A reorganização curricular apresentada no Site da Secretaria de Educação de Pernambuco (2021), consiste em uma tabela que elenca, o ano/ série, o bimestre, o objeto de conhecimento, as habilidades e conteúdos para cada disciplina. Tomarei como exemplo algumas habilidades que abrangem conteúdos e conceitos que podem ser trabalhados em articulação com a história de Garanhuns.

O trabalho com fontes históricas é uma oportunidade de criar condições para a pesquisa sobre a história local que colabora para o estudante entender como a história que

encontra no livro é construída, tratado na segunda habilidade do primeiro bimestre para o 6º ano do ensino fundamental II. “Analisar o significado das fontes/documentos/indícios que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas e compreendê-las como produções históricas, sociais e culturais” (SEDUC-PE, 2021).

A terceira habilidade do 6º ano aborda a educação patrimonial, temática que já foi abordada no capítulo anterior e muito pertinente na formação cidadã e no conhecimento do próprio espaço. “Conhecer e valorizar a diversidade do patrimônio artístico, histórico e cultural da humanidade, reconhecendo estas manifestações como formas de registro e representações construídas por diferentes sociedades em diferentes espaços e tempos históricos” (SEDUC-PE, 2021).

Para o 8º ano, no terceiro bimestre é prevista uma habilidade que aborda a resistência dos indígenas e dos negros. O trabalho com esta habilidade pode levar em consideração o povoamento da região de Garanhuns, sua relação com o Quilombo dos Palmares e com os indígenas dos povos Cariri, provocando a reflexão acerca destas temáticas em Garanhuns, Pernambuco e Brasil no período colonial e na atualidade.

Discutir o lugar atribuído aos diversos grupos indígenas e a participação dos negros na sociedade brasileira do final do período colonial, identificando permanências na forma de preconceitos, estereótipos e violências sobre as populações indígenas e negras no Brasil e nas Américas, analisando as diversas formas de resistência dessas populações no espaço da construção de suas identidades (SEDUC-PE, 2021).

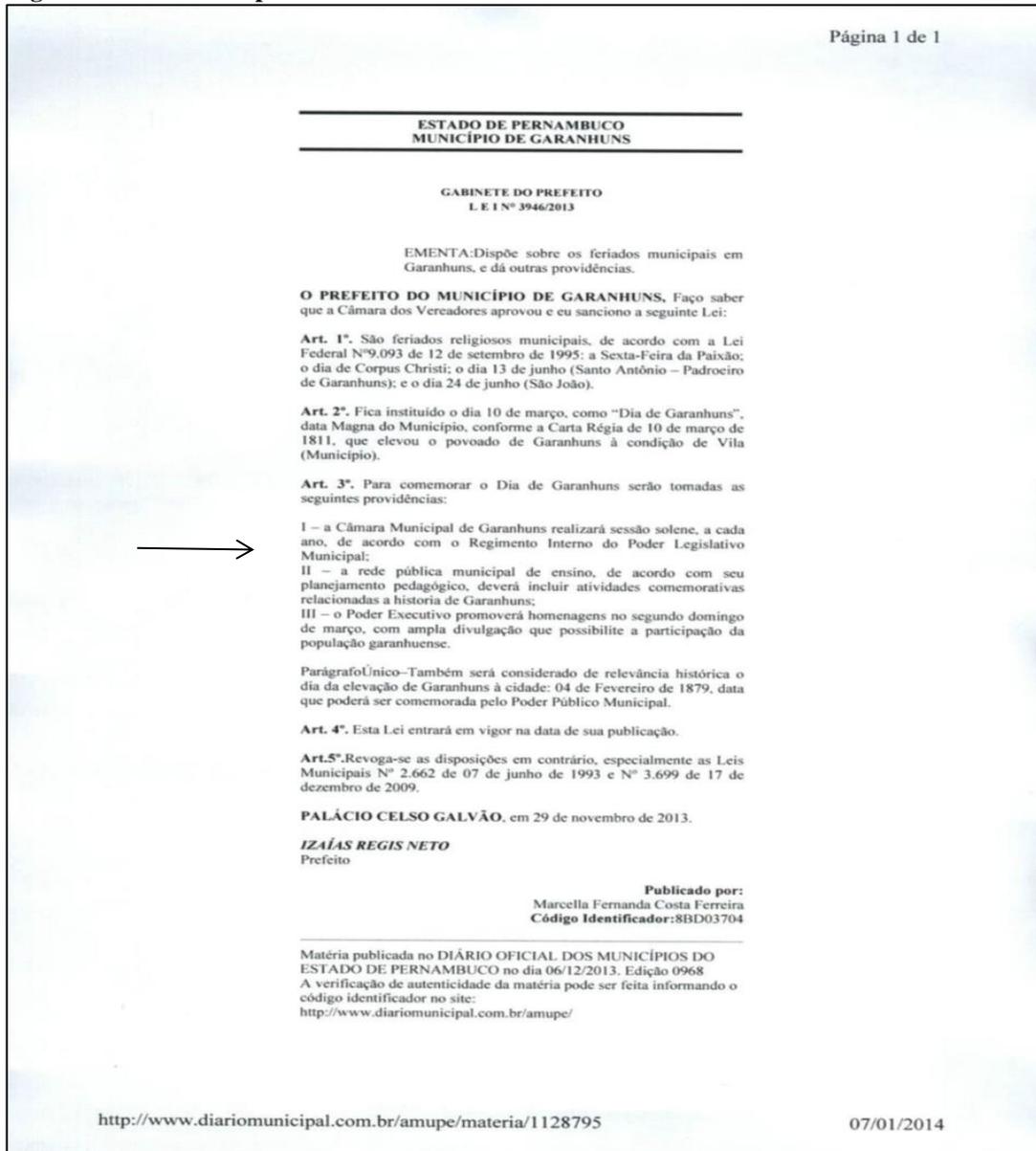
Ainda no 8º ano, 3º bimestre há uma habilidade que trata acerca da temática quilombola, muito necessária para a formação dos cidadãos locais, tendo em vista o desconhecimento da população de Garanhuns (abordado no capítulo anterior, na página 23) sobre as comunidades quilombolas que resistem nesta região. “Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas para a inclusão dos povos afro-descendentes, negros, quilombolas, etc.” (SEDUC-PE, 2021).

Poderia trazer outras habilidades elencadas na reorganização curricular que permitem a articulação com a história local e a BNCC, mas priorizei algumas na intenção de não me alongar demais no texto, até mesmo porque seria praticamente impossível esgotar este assunto aqui e fica aberto aos professores da rede a realização de suas próprias pesquisas e articulações da história local com a BNCC e com os conteúdos regionais, nacionais e globais.

O projeto pedagógico intitulado “Memórias de Garanhuns” é uma obra da equipe docente e gestora da Escola Municipal Instituto Presbiteriano de Heliópolis, teve sua primeira

realização em 2018 e é fundamentado na lei municipal 3946/2013, que determina às escolas da rede municipal a realização de atividades comemorativas relacionadas à história da cidade, considerando o dia 10 de março como o “Dia de Garanhuns”, conforme carta régia de 10 de março de 1811, quando o povoado foi elevado à categoria de Vila (Figura 20).

Figura 20 - Lei Municipal 3946/2013



Fonte: Diário Municipal (2014)

Analisando a lei, é possível perceber claramente a intencionalidade de fazer do espaço escolar um lugar de reprodução da memória, diante disto, Pacheco (2010), nos diz:

A formalização de práticas de preservação e difusão da memória institucional é cada vez mais comum nas sociedades contemporâneas. Essas ações vêm atender a um

movimento que historiadores como Jacques Le Goff descrevem como uma tecnificação, uma profissionalização dos processos de guarda e difusão dos elementos simbólicos que unificam grupos sociais. A memória coletiva transmitida pela tradição oral típica das comunidades primitivas cede lugar à memória oficial, registrada e documentada, produzida por especialistas detentores das técnicas e da autoridade de articular os enunciados sobre o passado (PACHECO, 2010, p.145).

Neste momento, ao falarmos de memória, sentimos a necessidade de recorrer a Portelli (2016), ele nos apresenta um conceito de “Memória-monumento” e apresenta outras nuances da memória que chama de “memória perturbadora” ou “memória involuntária” e “memória tranquilizante”. O que ele chama de perturbadora ou involuntária, seria aquela que muitas vezes se quer esquecer, ou apagar, mas que permanece suprimida, existente e a qualquer momento pode vir à tona. Essa estaria à parte da Memória- monumento, também chamada de tranquilizante.

A simultaneidade e a contradição entre a beleza da paisagem e a violência que a habita sugerem uma relação entre duas formas de memória possíveis: a memória como tranquilizante e a memória como perturbação. De fato, considerar a memória como um peso e como uma repetição é em última análise, fruto de uma ideia da memória como um mero depósito inerte- algo imutável, fixado para sempre em um significado único intangível, fora de discussão. É o que poderíamos chamar de memória – monumento: a memória praticada e frequentemente imposta pelas instituições, como comemorações e celebração das glórias do passado; narração da identidade nacional que só recorda aquilo que a orgulha, ocultando as sombras e as contradições (PORTELLI, 2016, p.48).

A lei municipal convoca as escolas a realizarem uma comemoração em suas atividades pedagógicas para celebrar o aniversário da cidade. Percebo aqui a predominância do que Portelli (2016) chama de Memória-monumento, mas nas entrevista pude perceber que muitas outras memórias vieram à tona, por exemplo, quando um estudante me relatou que, o que mais lhe chamou atenção quando participou do projeto “Memórias de Garanhuns” foram as histórias trágicas que se passaram na cidade, o objetivo da lei é festejar, mas não há controle sobre tudo o que pode ser rememorado.

Observo na legislação municipal, uma ressalva para com o desenvolvimento do conhecimento da localidade mais próxima ao estudante, mas fica claro também a pouca ênfase, já que se percebe que uma sequência didática não é capaz de aprofundar o assunto em apenas um dia de vivência, como se ver no caráter meramente comemorativo da lei 3946/2013.

Entendo que o ensino de história ao insuflar memórias promove o que chamamos de construção da identidade, na medida em que, cria oportunidade de experiências que suscitam

o pertencimento ao coletivo, remontando experiências comuns de um passado. A respeito desse aspecto de construção da identidade, Carretero(2010), aborda:

“Registro”, “raízes”, “legado”, “tradição”, “memória” são algumas palavras que dão conta de várias das estratégias de valorização do passado e, também, dos processos de seleção e estruturação orgânica das lembranças por meio de um filtro que impede a permanência de alguns valuartes incômodos, enquanto intensifica a importância de outros. Por fim, a história parece ser muito eficaz para nos fazer membros do grupo social com o qual compartilhamos “algo”, que, por regra geral, é formulado por meio de um relato original; além disso, esse mesmo relato nos separa daqueles que não pertencem ao grupo. A história_ essa versão feminina do passado_ é, por outro lado, o instrumento privilegiado para diferenciar “nós” dos “outros”, instância na qual se constrói uma identidade relacional (CARRETERO, 2010, p.33).

A história local é abordada aqui como componente curricular, como estratégia de ensino e de pesquisa que pode colaborar para a aproximação da escola com o aluno e a comunidade, que pode contribuir para a conservação e valorização da memória, da identidade e do patrimônio local, favorecendo a significação do estudo da disciplina história e do conhecimento escolar como um todo, na medida em que, colabore para a interdisciplinaridade. Diante disso, Bittencourt (2011), nos fala:

A questão da memória impõe-se por ser a base da identidade, e é pela memória que se chega à história local. Além da memória das pessoas, escrita ou recuperada pela oralidade, existem os “lugares de memória”, expressos por monumentos, praças, edifícios públicos ou privados, mas preservados como patrimônio histórico. Os vestígios do passado de todo e qualquer lugar, de pessoas e de coisas, de paisagens naturais ou construídas tornam-se objeto de estudo (BITTENCOURT, 2011, p.169).

O entendimento sobre o ensino de história local, não precisa e ,não deve ser, reducionista a ponto de promover um puro localismo, se for vista como ponto de partida e não como limitador, cria condições para a formação de identidade, mas deve se pautar no respeito ao outro e no olhar sobre o humano como um coletivo. Acerca deste ponto, Bittencourt (2011), defende:

Um dos objetivos centrais do ensino de história na atualidade, relaciona-se a sua contribuição na constituição de identidades. A identidade nacional, nessa perspectiva, é uma das identidades a ser construída pela história escolar, mas por outro lado, enfrenta ainda o desafio de ser entendida em suas relações com o local e o mundial (BITTENCOURT, 2010, p.111).

Quando falo em história, memória e identidade é importante deixar claro alguns detalhes, história e memória se relacionam às experiências passadas e a preservação da

memória embasa a identidade, mas é preciso atentar que tais conceitos não são sinônimos, apesar de suas estreitas relações. A memória é bem pessoal e subjetiva, embora a memória coletiva, que são as lembranças e esquecimentos da coletividade que se embasam em elementos materiais e rituais encontrados em todas as partes, como prédios, nomes de ruas, festividades, tradições, entre muitos outros exemplos. A história é feita de memória, mas não é apenas memória, visto que a mesma busca a verossimilhança dos fatos.

Mas aqui há uma diferença entre o ensino de História e a transmissão da memória compartilhada. A história é crítica: nega-se a esquecer o doloroso, não deve nos esconder coisas que agora podemos não gostar: deve nos ensinar que às vezes, fomos vítimas, mas em outras carrascos, e que o limite entre um e outro pode ser muito tênue. Mas além disso, a história não é apenas relatos, mas é também, e sobretudo, um conjunto de recursos para nos ajudar a compreender. São habilidades de pensamento que, se são adquiridas, podem ajudar-nos não apenas a nos harmonizar com os outros, mas a divergir deles, a exercer, dentro de nossos modestos limites, a liberdade de pensamento, planejamento e ação (CARRETERO, 2007, p.23).

Defendo que o ensino da história local, não se reduz a um meio de tornar a disciplina atrativa, o que é um importante desafio presente, mas a própria finalidade de atender a necessidade humana de conhecer suas origens, suas raízes, suas identidades. A vivência da disciplina história na educação básica deve explorar e criar condições para o desenvolvimento de diversas habilidades.

O que se observa é, portanto, a resistência do “regional” e do “local”, porque certas diferenças não desaparecem. Mais do que isso: as pessoas e os grupos sociais, submetidos às tensões da “sociedade global” os riscos ecológicos, o medo (do desemprego, do terrorismo, da competição), o individualismo exagerado, as frustrações do consumismo, etc., experimentam uma “perda de direção”. Questionam a realidade, refletem sobre a “perda de História”, reexaminam suas experiências de vida. Enfim, são assaltadas pela inquietação relativa à identidade. A globalização, ao deslocar antigas certezas e filiações, exige que os indivíduos e as nações repensem suas identidades (MARTINS, 2010, p.139).

A provocação ao ensino de história vai além de se fazer interessante aos estudantes, ela precisa se justificar para toda realidade social, local e global nas circunstâncias atuais. O ensino de história apenas para a identidade não basta mais, em um mundo repleto de diversidade a educação deve ir além do indivíduo e atingir o viver coletivamente por meio do respeito e alteridade, essa função de conhecer a si mesmo, olhar para o seu lugar, não pode ser o fim, deve se pautar no direcionamento do olhar respeitoso para o outro.

A contribuição da história na escola não é só a compreensão da própria realidade e a formação da identidade, mas também a concepção e compreensão da diferença, da alteridade- tanto para ensinar a convivência nas sociedades que hoje são, na maioria multiculturais, quanto para ensinar a julgar o próprio sistema político e social em que se vive(sem outros pontos de vista além daquele onde eu vivo não há crítica efetiva possível) (CERRI, 2014, p.126).

Sendo assim, mesmo inseridos em um mundo globalizado é notável a importância de manter a preservação da identidade cultural. O papel do ensino de história na educação básica perpassa essa função de proporcionar a capacidade de leitura do mundo podendo partir de uma perspectiva local. É possível perceber, de maneira palpável, um bom trabalho com a história no projeto “ Memórias de Garanhuns” executado pela equipe da Escola Municipal IPH.

2.1 A Escola

A Escola Municipal Instituto Presbiteriano de Heliópolis, iniciou seu funcionamento em Janeiro de 1964 e regulamentada em 1966, sobre a administração do Governo do Estado em parceria com a Igreja Presbiteriana de Heliópolis. O reverendo, Jaime Alves Pinheiro, atribuiu o nome que passou a usar a sigla IPH, como referência à Igreja. (Informações do Blog Presbiteriano Acontece, 2021).

A escola, localizada em um dos maiores bairros da cidade, já atendeu estudantes do ensino fundamental e médio, até curso de magistério em nível médio, fortemente reconhecida pela sociedade de Garanhuns, como uma escola pública de excelência, durante os anos 80 e 90, as filas para matrícula começavam a se formar ainda na madrugada. O corpo docente, formado por professores reconhecidos até hoje na cidade, fazia da referida escola um espaço disputado. A tradição religiosa da Igreja Presbiteriana, se fez muito presente em cultos e orações cotidianas, dos quais professores e estudantes deviam participar. Essas informações são frutos das entrevistas orais e conversas informais com funcionários e ex funcionários da escola.

O prédio da escola se localiza no mesmo terreno da igreja, apresenta muita precariedade quanto à estrutura, salas de aulas pequenas, de ventilação e iluminação precárias, muito altos e baixos e um pequeno espaço para atividades coletivas como recreio, apresentação de projetos pedagógicos, merenda. O espaço, que ainda pertence a já citada instituição religiosa, hoje é alugado pela prefeitura, a relação Igreja e Escola, hoje, é uma relação entre locador e locatário, segundo membros da administração da Igreja, mas alguns

professores fazem ressalvas com relação a interferência, principalmente em atividades culturais e extraclasse.

Na foto, a fachada da Escola Municipal IPH, um prédio com primeiro andar, com azulejos azuis, o símbolo do município e o nome da escola, localizada na avenida Frei Caneca conjugada com a Igreja Presbiteriana de Heliópolis (Figura 21).

Figura 21 - Fachada da Escola IPH



Fonte: Acervo próprio (2020)

A fachada frontal da Igreja Presbiteriana de Heliópolis em verde e branco, com grades, localizada na Avenida Rui Barbosa de esquina com a avenida Frei Caneca (Figura 22).

Figura 22 - Fachada da Igreja Presbiteriana de Heliópolis



Fonte: Acervo próprio (2020)

Na imagem lateral da Igreja Presbiteriana de Heliópolis é possível visualizar a Escola Municipal Instituto Presbiteriano de Heliópolis, aparentando um “puxadinho” do prédio da instituição religiosa (Figura 23).

Figura 23 - Lateral da Igreja Presbiteriana de Heliópolis



Fonte: Acervo próprio (2020)

O pátio interno é utilizado para atividades pedagógicas, recreação, reuniões e merenda, também possui estrutura precária de iluminação, acústica e acomodação, assim como as salas de aula (Figura 24).

Figura 24 - Pátio interno da escola



Fonte: Acervo próprio (2020)

As imagens mostram a Escola Municipal Instituto Presbiteriano de Heliópolis e a Igreja Presbiteriana de Heliópolis, bem como a estrutura do prédio da escola, como pode ser visto, trata-se de um espaço pequeno para comportar dez salas de aulas.

A escola esteve sob a administração do estado até 2012, quando o Estado de Pernambuco começou a direcionar seus investimentos mais especificamente ao Ensino Médio e entregar o Ensino Fundamental I e II, gradualmente aos municípios. Nesse ano, o espaço da escola passou a ser ocupado por uma administração estadual que se responsabilizava pelo Ensino Médio e funcionava no primeiro andar e a administração municipal que cuidava do Fundamental I e II no térreo. Essa fase de transição sob duas administrações em um mesmo espaço, durou de 2012 a 2015, quando a Escola Estadual Instituto Presbiteriano de Heliópolis,

mudou para outro prédio no mesmo bairro e a Escola Municipal Instituto Presbiteriano de Heliópolis, continuou suas atividades no mesmo espaço e é também conhecida como “Novo IPH”, portanto a antiga escola se dividiu em duas e ambas atendem a comunidade até os dias atuais.

A pesquisa se detém a escola municipal, que continua funcionando no tradicional prédio, que representa com suas paredes grossas e antigas a formação de gerações de pessoas. A estrutura imponente da Igreja se destaca na esquina entre a Avenida Rui Barbosa e a Avenida Frei Caneca, impossível passar pelo local e não direcionar o olhar para aquela estrutura que, em sua própria aparência, o envolve em uma viagem ao tempo. Ao me voltar para a parte que fica mais a Avenida Frei Caneca, me deparo com a escola, um prédio que causa a impressão de renovação e imprevisto, percebo a resistência ao tempo e a adaptação do velho ao novo por meio de “arranjos”, estes entendo que foram necessários devido a demanda de pessoas que a instituição atende. Funcionando atualmente em três horários, oferecendo o Ensino Fundamental I e II, além da Educação de Jovens e Adultos (EJA-Fundamental). Vou me deter à análise do Ensino Fundamental II, nível para o qual está voltada minha formação.

A escolha desse espaço se deu depois que tive conhecimento, em 2019 de uma experiência exitosa da referida escola, no ano anterior, com o projeto sobre a história da cidade, denominado “Memórias de Garanhuns”. Já existia o meu interesse pelo ensino da história local e pretendia identificar o espaço que essa perspectiva vinha sendo adotada nas escolas municipais de Garanhuns, por entender a relevância da temática para a formação dos sujeitos. Já consciente desde 2013 da existência da lei, que tratava, ainda que superficialmente, do assunto, resolvi retornar a academia e propor a reflexão sobre a temática na rede municipal, a fim de contribuir para o ensino de história .

2.2 O Projeto

O projeto “Memórias de Garanhuns” vai além da comemoração, utiliza a oportunidade aberta pela exigência legal para promover a aprendizagem e merece destaque por se tratar de uma prática pedagógica que envolve toda comunidade escolar no desenvolvimento da pesquisa e do saber.

Um projeto pedagógico como esse é uma oportunidade para a disciplina história, na conquista de espaço dentro da escola e, até mesmo, reconhecimento da comunidade escolar, visto que, a mesma conta com uma carga horária restrita e que vive uma crise existencial,

assim como a história acadêmica e a “ciência” como um todo, a medida que há um contínuo abandono da importância do passado.

Para entender o sucesso desse projeto pedagógico, se faz necessário relatar o compromisso dos docentes e da equipe gestora, facilmente perceptível nas entrevistas e na empolgação dos mesmos ao falarem sobre a experiência aqui retratada. Todos os professores entrevistados renderam elogios à equipe gestora, segundo relatos, oferece muito apoio e se envolve diretamente na realização de todos os projetos, elogiaram também os colegas. A maioria dos professores entrevistados chegou à escola em 2017 e apenas uma chegou em 2019, todos eles participaram do referido projeto e falaram a respeito como uma experiência satisfatória. A equipe gestora atual iniciou seu trabalho em 2018. Senti então, entre os profissionais, um clima de frescor de quando se inicia uma atividade nova, uma sensação de recomeço de querer fazer junto e conseguir sem medir esforços. Vale ressaltar que, apesar de todos os entrevistados terem chegado à escola recentemente, eles têm experiências anteriores, em outras escolas. Então para caracterizar bem essa equipe, utilizo como adjetivos: experiente, motivada, comprometida e coerente.

2.2.1 “Memórias de Garanhuns: Conhecendo minha cidade”

O primeiro ano do projeto “Memórias de Garanhuns” foi 2018, nessa edição, eles buscaram falar da cidade desde sua origem aos dias atuais, foi um projeto amplo que contou com a participação de artistas, escritores, cordelistas e historiadores locais. Notei em alguns relatos que o projeto ganhou proporções maiores que as esperadas no planejamento.

Eu pensei em fazer uma mesinha com livros de autores de Garanhuns, nessa conversa, pedindo livros aos meus colegas escritores daqui de Garanhuns, alguns acharam bacana e quiseram vir se apresentar na escola, aí pensei que chamar uns e outros não... Então chamei todos os escritores e artistas que tinha o contato, aí se tornou uma coisa grandiosa porque uma coisa foi levando a outra, tomou uma dimensão maior do que o que a gente estava esperando, aí sim, quando a gente trabalha com um grupo bom que todo mundo vai concordando, num é? Se tiver crítica, mas é para ajudar a crescer (PROFESSORA 1, 2019).

Cheguei à escola em 2019 e não encontrei nenhum registro escrito do projeto, a escola em análise, tem uma grande dificuldade estrutural e de recursos, não conta com computadores e impressoras no setor pedagógico, por exemplo, então, o projeto foi planejado junto aos professores, mas não foi escrito num esquema estrutural com objetivo, metodologia e justificativa. Do planejamento partiram para a prática e a fonte que evidencia a vivência do

projeto, além dos relatos, é uma notícia do G1, também não tive acesso a fotografias, apenas a utilizada na notícia.

A manchete da notícia do G1 sobre o projeto não especifica a escola, mas fala sobre a participação de alunos da rede pública em projeto, resume um pouco do trabalho e suas atividades ao longo do mês de março (Figura 25).

Figura 25 - Notícia da realização do projeto



Fonte: G1(2019)

A foto do projeto utilizada para ilustrar a notícia mostra, historiador, artistas, escritores e professores compondo a mesa coberta pela bandeira da cidade e no fundo um banner com o nome do projeto e algumas imagens da cidade (Figura 26).

Figura 26 - Foto da culminância do projeto utilizada na notícia



Fonte: G1(2019)

No início da reportagem a escola é mencionada, as atividades detalhadas e alguns dos participantes convidados do projeto são citados (Figura 27).

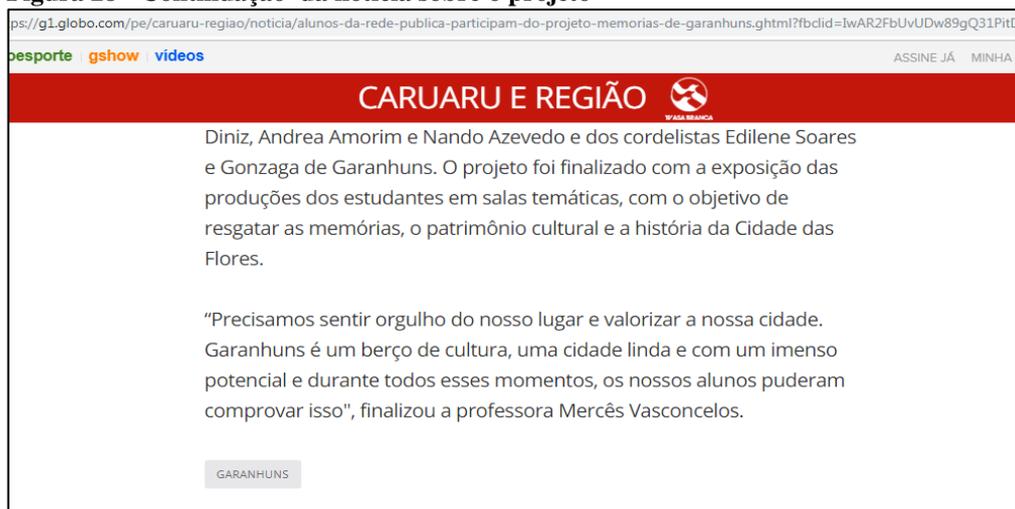
Figura 27 - Trecho da notícia sobre o projeto



Fonte: G1(2019)

Como pode ser visto, fragmentei o texto da reportagem em duas imagens, na segunda parte que cita a participação dos estudantes com apresentações em salas temáticas, finalizando a reportagem com a fala de uma professora da escola demonstrando satisfação com a realização do projeto (Figura 28).

Figura 28 - Continuação da notícia sobre o projeto



Fonte: G1(2019)

Questionados sobre os objetivos do projeto durante as entrevistas individuais, os professores falaram sobre a importância de conhecer e valorizar a história local, as expressões artísticas, espaços e memórias, como diz a professora 1: “Assim, tinha coisas que eles nem

sabiam que existia, os alunos num é? Aí foi um momento deles conhecerem e saberem o que tinha acontecido em seu lugar” (PROFESSORA 1, 2019).

Com outras palavras a professora 3 deixou claro os objetivos do trabalho e reafirmou o que foi dito por outros professores.

Mostrar ao aluno a cidade, para que ele conheça a cidade onde mora, trabalhar também relações de pertencimento, além de conhecer o espaço que ele mora, ele se sintá parte dessa localidade e atrelado a esses dois objetivos, trabalhar noções de pertencimento, territorialidade e também outros, acabamos trabalhando outros, que é o trabalho em grupo, responsabilidade coletiva, forma de se portar, construíram documentários, teve isso também, foi outra sala temática, os alunos se tornaram também autônomos, eles trabalharam de forma orientada e autônoma, então, isso também. Conhecer o espaço que vivem, as pessoas que fizeram e fazem parte da história e também trabalhar essas noções de pertencimento (PROFESSORA 3, 2019).

Na fala da professora 3 a palavra pertencimento é repetida e chama atenção porque ela está falando de um projeto que trás à tona memórias, já falei aqui da relação entre identidade e memória, mas vou reforçar com o posicionamento de Santhiago e Magalhães (2015) que mostra a relação entre memória e pertencimento.

A sensação de fazermos parte de um grupo vem, entre outras coisas da memória coletiva. Lembrar coletivamente une os indivíduos e permite que eles compartilhem vivências. A ideia de pertencimento à coletividade é reforçada por recordações comuns. Identificamo-nos uns com os outros porque podemos dividir tais experiências (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015, p.42).

A oportunidade de envolver estudantes em uma pesquisa os possibilitou um olhar cuidadoso sobre a cidade e curiosidade perceptível que pode ser destacada na entrevista da professora 2.

Então eu sentir que o objetivo deste projeto foi realmente alcançado porque envolveu os alunos e quando eles paravam para perguntar aos pais e aos avós como era aquele lugar antes, como era aquele lugar que eles conhecem hoje, como era antigamente, eu percebia que eles tinham uma surpresa em saber que houve muitas mudanças, então eu sentir que os objetivos foram alcançados, pelo menos dentro dos indicadores da função que eu tive que trabalhar com eles dentro do projeto. É que de fato, uma coisa tão simples fez eles refletirem que o espaço é uma transformação, o espaço é uma mudança e que os pais e avós deles viram em Garanhuns não é o que eles veem hoje. Aí eu fiquei satisfeita, foi gratificante, apesar do trabalho, foi gratificante (PROFESSORA2, 2019).

A fala da professora 2 chamou atenção, porque foi possível perceber, que a mesma explorou a entrevista dos estudantes do sexto ano com pais e avós, experiência riquíssima por favorecer a troca entre gerações, a valorização da experiência dos mais velhos e as fontes

orais na construção de narrativas sobre lugares já conhecidos dos estudantes. Acerca do uso da história oral em sala de aula concordo com Santhiago e Magalhães (2015), quando afirma:

É nessa parte da história oral que o professor entra. Não importa a disciplina que ensine, a escola em que trabalhe, o número de alunos, as condições materiais disponíveis em sua escola - sempre existe um lugar para a história oral na sala de aula, sempre existe um lugar para as histórias, as memórias, as subjetividades e as expressões da oralidade. Dificuldades e desafios existem, mas não há barreiras intransponíveis. Cabe a nós assumirmos o desafio de implementarmos nossos projetos(SANTHIAGO;MAGALHÃES, 2015, p.34).

Sobre história oral, utilizo nesta pesquisa, defendo sua utilização em sala de aula e acredito no projeto “Memórias de Garanhuns” como um leque de possibilidades para desenvolver a prática. Percebo que foi utilizada por diferentes professores ao longo do projeto, mesmo que muitas vezes de maneira improvisada que foi surgindo a medida, como diz a Professora 1(2019), “que uma coisa leva a outra”.

Entre as atividades que a reportagem fala que foram desenvolvidas estão os passeios pela cidade para visitar pontos turísticos, o centro da cidade e algumas fábricas, como é possível também perceber no relato da professora 3(2019).

Nós trabalhamos os pontos turísticos também, nós levamos os alunos para o relógio de flores, ao pau pombo, para conhecer algumas praças, como a praça Souto Filho, teve outra praça... a Mestre Domiguinhos, a esplanada, nós levamos os estudantes para o Cristo do Magano, aos principais pontos turísticos. Foram também ao Castelo e ao retornar o aluno produzia maquetes ressignificando o que eles viram. Nós tivemos a exposição de maquetes, de desenhos artísticos. Visitaram também uma fábrica, algumas fábricas, aí eles trouxeram o que movimenta a economia, como o comércio e algumas fábricas. Porque as salas temáticas eram isso, uma trabalhava a economia, a outra os pontos turísticos, a outra personalidades, a outra a hecatombe (PROFESSORA 3, 2019).

Acredito no valor didático do passeio pela cidade, sendo este pedagogicamente planejado e orientado, permitindo assim, fazer uma leitura do espaço e entender as ações do homem no tempo, acerca do olhar sobre a cidade Ricouer (2007), defende:

É na escala do urbanismo que melhor se percebe o trabalho do tempo no espaço. Uma cidade confronta no mesmo espaço épocas diferentes, oferecendo ao olhar uma história sedimentada dos gostos e das formas culturais. A cidade se dá ao mesmo tempo a ver e a ler. O tempo narrado e o espaço habitado estão nela mais estreitamente associados do que no edifício isolado. A cidade também suscita paixões mais complexas que a casa, na medida em que oferece um espaço de deslocamento, de aproximação e de distanciamento. É possível ali sentir-se extraviado, errante, perdido, enquanto que seus espaços públicos, suas praças, justamente denominadas, convidam às comemorações e às reuniões ritualizadas (RICOUER, 2007, p.159).

As atividades do projeto, como conversa em sala de aula, entrevista dos estudantes com seus parentes, participação de artistas e escritores dividindo suas experiências, o passeio pela cidade, a confecção de cartazes e maquetes, a ornamentação de salas de aulas, as apresentações dos estudantes, são passos possíveis de serem realizados em qualquer escola e que, de maneira bem orquestrada, tornam possível a pesquisa, a análise de dados, a produção, sistematização e socialização do conhecimento acerca de aspectos, históricos, econômicos, geográficos, sociais e culturais da cidade. É um projeto que marca a trajetória escolar de todo estudante envolvido e da própria escola como um todo.

2.2.2 “ Memórias de Garanhuns: Domiguinhos, filho ilustre da terra”

O segundo ano do projeto “Memórias de Garanhuns” foi 2019 e a temática escolhida foi sobre Domiguinhos, sua história e obra, sua trajetória artística e relação com Garanhuns.

De acordo com Teixeira (2016) ,Domiguinhos nasceu em Garanhuns em 1941, filho de tocador e afinador de acordeon, José Domingos de Moraes, começou a sua vida artística ainda criança, muito pobre e de família numerosa, tocava sanfona nas feiras da cidade junto a dois irmãos para ajudar no sustento da casa, nesse período era conhecido como Neném do Acordeon ,com nove anos, em 1950 ele teve seu primeiro encontro com Luíz Gonzaga, rei do Baião, na frente do hotel Tavares Correia, Luiz Gonzaga ficou admirado com a desenvoltura do menino, ofereceu ajuda e o seu contato.

Em 1954, Neném do Acordeon viajou de pau de arara para o Rio de Janeiro acompanhado de seu pai, em visita a casa de Luíz Gonzaga ganhou uma sanfona de oito baixos e a partir de então passou a frequentar a casa, os ensaios, shows e gravações do Rei do Baião. Em 1957 Luíz lhe atribuiu o nome artístico de Domiguinhos e nesse mesmo ano começou a se apresentar profissionalmente, ficou conhecido mundialmente com músicas como “Eu Só Quero um Xodó”, “De Volta Para o Aconchego”, “Isso Aqui Tá Bom Demais”, entre outras. Além do rei do Baião, ao longo de sua carreira cantou e tocou ao lado de músicos como Chico Buarque, Gilberto Gil, Gal Costa, Elba Ramalho, Anastácia, com esta teve parceria por 11 anos.

Domiguinhos participou de muitos shows em sua terra natal, em 2013 faleceu, em decorrência de complicação de problema cardíaco e respiratório, era dia 23 de Julho e Garanhuns celebrava seu tradicional Festival de Inverno quando chegou a notícia do falecimento, seu sepultamento foi realizado na cidade de Paulista, mas devido ao desejo, revelado em vida, em um programa de rádio, de ser enterrado em sua terra natal o corpo foi

translado para Garanhuns em 26 de Julho de 2013, sendo sepultado, em meio a muitas homenagens, no Cemitério São Miguel.

Durante todo mês de março e abril de 2019, até a culminância do projeto, um painel de homenagem a Domiguinhos ficou exposto logo na entrada da escola em uma área social, entre as salas da secretaria e da coordenação (Figura 30).

Figura 29 - Painel destacando o projeto de 2019



Fonte: Acervo próprio (2019)

No painel produzido pelos próprios estudantes é possível ver imagem de Domiguinhos quando ainda era criança, fotos de vários momentos de sua carreira, algumas ao lado de seus parceiros e parceiras musicais e, como numa linha do tempo, a última imagem é da estátua em homenagem ao artista que ocupa a raça Mestre Domiguinhos (Figura 31).

Figura 30 - Painel com vários momentos da vida de Domiguinhos



Fonte: Acervo próprio (2019)

Nas declarações de muitos professores foi possível perceber que trabalhar sobre a vida de uma personalidade, como o artista mencionado, repercute no estudante no sentido de ao conhecer uma história de alguém que nasceu na cidade e alcançou visibilidade mundial,

mesmo diante de dificuldades sociais e econômicas, lhe oferece perspectiva de acreditar no seu próprio futuro e isso incentiva o interesse pelos estudos. Isso pode ser identificado claramente na fala da Professora 4(2019), “às vezes a gente ver uma personalidade artística muito distante, eles puderam ver que mesmo sendo daqui eles podem se esforçar e conseguir”. Essa mesma percepção ficou clara na fala da Professora 1(2019).

Saber que aqui é uma cidade do interior mas que tem artistas, tem escritores que escrevem muito bem, tem cordelistas, cantores que, como Andrea Amorim, já viajou o mundo todo e sempre volta a Garanhuns, é uma forma deles pensarem que também podem, acho que isso foi um grande avanço (PROFESSORA 1, 2019).

Nesta experiência de 2019 a escola tratou de um tema mais específico e, por ser a vida de um artista filho da cidade, que representou tão bem a cultura nordestina, proporcionou um espaço de valorização da identidade regional, como é possível perceber no relato da Professora 4(2019).

Quando cheguei aqui já me deparei com alguns projetos, um deles é o “Memórias de Garanhuns” e neste ano foi vivenciado o artista da terra Dominguinhos. Então foi um trabalho importante, interessante, porque os alunos se envolveram, todos os alunos da escola se envolveram e pesquisaram, apresentaram, representaram, cantaram, uma boa parte da obra de Dominguinhos foi mostrada nesse projeto através do trabalho desses alunos, a importância maior que eu vi, que eu vejo no projeto “Memórias” e ,especialmente neste ano, foi não perder a origem, as nossas origens, o valor da música nordestina do forró, do baião e também a valorização destas músicas na região, porque, infelizmente, tem o Brasil, o nordeste, a nossa região, a nossa cidade, as nossas escolas, têm recebido influências muito distantes das nossas realidades, eu digo, estilos musicais que não condizem com nossa realidade, que atrapalham o conhecimento dos nossos alunos do que realmente eles deveriam valorizar. Então foi uma oportunidade que eles tiveram de buscar, de buscar esse conceito da música nordestina. . O principal que eu achei foi isso mesmo, foi eles verem que daqui de Garanhuns saiu um artista com tantas qualidades, com tantas performances dentro da música nordestina (PROFESSORA 4, 2019).

O Professor 5, também fala da importância da valorização da cultura local oportunizada pelo projeto, assim como a possibilidade de atrair o estudante para a história e arte.

O projeto” Memórias de Garanhuns” aqui da escola, eu particularmente percebo que ele tem um valor afetivo, porque você trabalha com a memória. Por exemplo, vou dar um exemplo bem prático: o artista mais expressivo de Garanhuns, na minha visão, é Dominguinhos, por tudo que ele alcançou na música, por ele ser digamos uma enciclopédia da música brasileira, digamos assim, os fatos mais importantes da década de 50 até o tempo que ele esteve aqui nesse plano, Dominguinhos acompanhou de maneira intensa, enquanto artista, enquanto grande compositor que era e exímio acordeonista.Então, eu apresentei aqui um documentário muito bom sobre Dominguinhos e esse documentário trás muitas imagens raras de Garanhuns, mais antigas, da década de 50, que vai corroborando com a própria narrativa do

próprio Domiguinhos contando a sua história, então assim como os estudantes, a gente criou uma sala que ficava o documentário passando, e trabalhei em sala de aula também como introdução do projeto, eu fiquei responsável pela parte de música, a minha formação é em música, então veio a calhar e esse documentário, os estudantes, acho que não sabiam muito da história de Domiguinhos e nunca tinham visto aquelas imagens da cidade de Garanhuns, imagens da década de 50 onde hoje é a praça Mestre Domiguinhos, o próprio bairro de Heliópolis que foi onde Domiguinhos nasceu e se criou, então mostra imagens dessas ruas, então essa memória afetiva, eu acho que a arte, vou puxar pro meu campo, a arte, ela vai trabalhar muito nesse lugar, a memória, inclusive a criação artística se dar muito pela memória, com a imaginação e com a realidade, com a memória. Então assim, esse projeto trás muita afetividade com a história com a memória, você saber que isso tem um valor, um valor cultural, um valor pra educação, pra formação das pessoas e inclusive eu passei a conhecer melhor Garanhuns, porque não sou daqui (PROFESSOR 5, 2019).

O projeto foi vivenciado com atividades diversas, como apresentações culturais, produção de cartazes, ornamentação de salas repetindo a experiência exitosa da primeira edição, a escola recebeu visita, um historiador que deu uma palestra, artistas como, cordelistas e músicos que também deram suas contribuições. Como relata a Professora 7, “e todo ano, o que a gente ver aqui é um espetáculo o projeto: “Memórias de Garanhuns”. A imagem mostra um momento de apresentação cultural e o evento lembra uma grande festa (Figura 32).

Figura 31 - Apresentação cultural no pátio da escola



Fonte: Acervo próprio (2019)

Um projeto como esse cria condições para que os estudantes desenvolvam suas habilidades, uns têm mais aptidão para a dança, outros para o desenho, uns para a oratória, outros para a escrita, uns para cantar e todos têm oportunidade de mostrar seus talentos e aprender novos. Na imagem se encontra um exemplo de cartaz feito e ilustrado por um estudante do 8º ano (Figura 33).

Figura 32 - Cartaz confeccionado por estudante do 8º ano.



Fonte: Acervo próprio (2019)

A interdisciplinaridade é uma característica marcante no “Memórias de Garanhuns”, identifique a utilização de conhecimentos matemáticos na realização da atividade em sala temática na narrativa da Professora 6 (2019).

Este ano, nós trabalhamos com outra temática que foi em relação a Domiguinhos e novamente com uma turma de sétimo ano, trabalhamos a temática da discografia de Domiguinhos, daí nós fizemos uma pesquisa sobre quantos discos ele tinha lançado, entre décadas, daí nós montamos um pictograma e uns alunos que iam visitar a turma, a turma explicava o que era um pictograma, mostrava naquele gráfico a mediana, a média aritmética (média de discos que ele tinha lançado) durante a trajetória. Outro grupo estava preparado para que no momento que eles parassem, cantar uma das músicas que tinha sido sucesso naquela época, naquela década e ao final de tudo, outro grupo ainda finalizou com o resultado geral de toda a discografia dele (PROFESSORA 6, 2019).

Quando questionados sobre os problemas e dificuldades na realização do projeto as falas dos professores convergem para os problemas já conhecidos da educação pública no Brasil, são citados, falta de recurso, falta de espaço, falta de tempo e em apenas uma das entrevistas a professora citou problema com escassez de fontes de pesquisa.

No início do ano de 2020 quando entrei em contato com a coordenação da escola, o projeto “Memórias de Garanhuns” estava na fase do planejamento, me informaram que naquela semana se reuniriam com professores para acertar detalhes, a temática escolhida para este ano foi “Um olhar feminino sobre a cidade das flores”, o processo de planejamento foi interrompido pelo isolamento social durante a pandemia de Corona Vírus. Hoje, fim do mês de maio, quando escrevo essa parte da dissertação, ainda não há previsão do fim do isolamento social na cidade, então não posso afirmar que ao retornar às atividades normais a escola vivenciará o referido projeto. Só espero que a garra dessa equipe não esmoreça em

decorrência dos grandes desafios que o contexto atual oferece e que o trabalho que realiza, mesmo diante de tantas dificuldades, persista ao longo de gerações.

No capítulo 3, buscarei trazer uma reflexão sobre a aprendizagem histórica e uma perspectiva do projeto “Memórias de Garanhuns” a partir das falas dos estudantes que foram entrevistados e que responderam o questionário que apliquei em sala, este possibilita uma caracterização social e econômica dos educandos, como também oferece espaço para suas opiniões acerca do projeto, além das informações colhidas em questionário aplicado virtualmente, aos professores.

3. APRENDIZAGEM HISTÓRICA E SABERES DOCENTES

A sociedade atual, os jovens e adolescentes vivem numa “lógica de mercado” que aprofunda o distanciamento entre as pessoas e amplia a individualidade. Bauman (2001), quando terço o seu conceito de “modernidade líquida”, descreve uma sociedade individualista, que não consegue se relacionar com a coletividade de maneira duradoura e que perdeu o senso temporal, vive o presente como se fosse eterno.

A nova instantaneidade do tempo muda radicalmente a modalidade do convívio humano - e mais conspicuamente o modo como os humanos cuidam (ou não cuidam, se for o caso) de seus afazeres coletivos, ou antes o modo como transformam (ou não transformam, se for o caso) certas questões em questões coletivas (BAUMAN, 2001, p.146).

Diante dessa fluidez, percebida em minha experiência cotidiana, encaro como desafio a prática do ensino e aprendizagem da disciplina história na educação básica. Levar pessoas a olhar para o passado, para outras sociedades e para outras temporalidades, no cenário atual, não se trata de uma tarefa fácil, mas considero o ensino e aprendizagem da história algo indispensável para a formação de seres humanos e, por este motivo, enfrento tais provocações. Sobre isso, Circe Bittencourt (2008) diz:

Se esse perfil diferenciado do público escolar tem apresentado desafios para educadores, no caso da História as questões se avolumaram à medida que a sociedade consumista tem se estruturado sob a égide do mundo tecnológico, responsável por ritmos de mudanças acelerados, fazendo com que tudo rapidamente se transforme em passado, não um passado saudosista ou como memória individual ou coletiva mas, simplesmente, um passado ultrapassado (BITTENCOURT, 2008, p.14).

Entendo que o ensino de história local pode ser um ponto de partida, uma maneira de despertar o olhar histórico no estudante, na medida em que aprende a ler a sua realidade próxima, como defende Nikitiuk (2004):

(...) a história local se vista como eixo curricular demonstra ser o local de construção e espaço identitário e facilitador de relações solidárias num mundo planetário e global. Propicia olhar o ontem com os valores de hoje e facilita tornar mais significativos os conteúdos universalmente postos como saberes escolares (NIKITIUK, 2004, p.56).

Cerri (2014) afirma que a “educação histórica” vivida na escola não pode se distanciar da realidade do estudante e deixar de levar em consideração a “consciência histórica” ⁶ que acompanha esse estudante na sua trajetória humana. É importante que não se olhe para o estudante como um “copo vazio” e o professor e seu conhecimento como a “água que vai encher esse copo”, o estudante antes e durante sua vida escolar vive experiências diversas, em espaços diversos, com histórias anteriores e simultâneas a sua experiência escolar.

As instituições, os espaços e as informações que essas pessoas compartilham em suas relações sociais não são “desativadas” quando elas atravessam o portão da escola.

Para a própria metodologia do ensino é saudável essa perspectiva de modo a compreender a educação histórica como um processo que não pode ser tratado como dentro da redoma da sala de aula. Os problemas e as potencialidades do ensino-aprendizagem de história não estão restritos à relação professor e aluno na classe, mas envolvem o meio em que o aluno e o professor vivem, os conhecimentos e opiniões que circulam em suas famílias, na igreja ou nas instituições que frequentam e nos meios de comunicação que têm acesso (CERRI, 2014, p.54).

Fazer uso da experiência do estudante e de seu convívio social para a prática do ensino de história me parece uma boa estratégia, isso que vejo viável no projeto “Memórias de Garanhuns”.

Quando falo em processo de ensino e aprendizagem, me respaldo em um campo da história que tem ganhado espaço e significados próprios, que diz respeito ao ensino de história, a chamada didática da história, de acordo com Rüsen (2015):

A didática da história possui, assim, um campo próprio de tarefas a trabalhar, que a distingue substantivamente, do campo da ciência da história. Ela é a ciência da aprendizagem histórica. Produz de modo científico(especializado) o conhecimento necessário e próprio à história, quando se necessita compreender os processos de aprendizagem e lidar com eles de modo competente (RÜSEN, 2015. p.247).

Considerando o ponto de vista de Rüsen, a didática da história se relaciona com a teoria da história, mas é independente dela, pois engloba o ensino de história e a circulação social da história, estes elementos independem, mesmo assim há possibilidades de encontros entre ambos. Enxergo no projeto “Memórias de Garanhuns” uma dessas possibilidades, porque permite a aproximação entre a realidade dos estudantes e o ensino de história.

⁶ Trato sobre o conceito conceito de consciência histórica nas páginas seguintes, utilizo a concepção de Rüsen e Martins.

Para Rüsen a formação histórica se pauta em três operações, “experiência, interpretação e orientação”, estas operações ocorrem de maneira contínua, gradual e se relacionam o tempo todo.

A atividade da consciência histórica pode ser considerada como aprendizado histórico quando produza ampliação da experiência do passado humano, aumento da competência para a interpretação histórica dessa experiência e reforço da capacidade de inserir e utilizar interpretações históricas no quadro de orientação da vida prática (RÜSEN, 2007, p.110).

O sujeito da aprendizagem se apropria da informação, do dado histórico, do fato, da experiência, essas informações objetivas passam a compor a subjetividade de sua identidade e consciência histórica. Nessa dinâmica de aprender e dar significado às informações da experiência histórica esse sujeito aprende a olhar o passado, perceber suas diferenças com respeito e interesse. Diante dessa interpretação do passado ele desenvolve a competência de olhar para o outro e olhar para si, desvendando realidades, memórias e experiências, articulando o seu contexto a esse desenvolvimento.

O estudante então passa a ser competente para planejar seu futuro, criar perspectivas, de acordo com a competência da orientação de Rüsen. É o aprendizado da história que aprimora as competências da experiência, interpretação e orientação.

As três dimensões do aprendizado histórico esboçadas e suas qualidades formativas estão obviamente intimamente interligadas. Não há experiência histórica livre de interpretação, nem orientação histórica livre de experiência. Todo modelo de interpretação é relacionado simultaneamente à experiência e à orientação. Sua correlação intrínseca representa a complexidade do aprendizado histórico, sua dupla polaridade entre a apropriação da experiência e a autoafirmação nos processos mentais da consciência histórica (RÜSEN, 2007, p.118).

Diante da perspectiva dos desafios atuais, Ciampi deixa claro o quanto essa realidade afeta a escola e nos dar pistas de alternativas que podem contribuir para a prática do ensino de história e ,assim como Rüsen (2007), defende a articulação conhecimento e vida prática.

O desafio do volume de informações, produzido em função de novas tecnologias, implica pensar uma formação docente capaz de desenvolver, com os alunos, não só conceitos disciplinares, mas, sobretudo, outra ordem de conteúdos, os procedimentais, incluindo as competências e, entre elas, a pesquisa e seleção de informações para resolver um problema e entre as possíveis soluções, as mais adequadas ao seu contexto (CIAMPI, 2003, p.113-114).

O estudante de hoje demanda posturas diferentes por parte dos profissionais, não lhe cabe mais o papel de sujeito passivo no processo de aprendizagem, a facilidade de acesso a

informações ao alcance dos dedos (via smartphones, por exemplo) retirou do professor a autoridade de “detentor do conhecimento”. Isso não quer dizer que o conhecimento científico seja um atributo desnecessário ao professor, continua muito importante, mas não apenas esse, o professor de história hoje precisa motivar a utilização de competências e habilidades dos educandos frente a toda essa complexidade da realidade.

O processo de conhecimento, inclusive no espaço escolar, implica um movimento de relações recíprocas entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido, num dado contexto sócio-cultural. As relações que envolvem alunos, professor e conhecimento, no espaço escolar, são complexas: articulam experiências, vivências, interesses, valores e expectativas diferenciadas. Nesse espaço, cruzam-se vozes e significados diversos, influenciando no processo de construção do conhecimento. Daí a importância da interlocução, do diálogo dos alunos com o objeto/tema de estudo, orientado pelo professor (CIAMPI, 2003, p.113).

Portanto, a escola supera a perspectiva de um lugar reduzido à obtenção da informação e acumulação de dados, passa a ter um fim maior que é a formação do sujeito do aprendiz, criando condições para que o mesmo se mobilize para atuar na vida prática em sociedade. Assim também ocorre com o papel do professor e do ensino de história que não se reduz à transmissão de conhecimento, mas que deva se pautar no contexto do estudante e na aplicabilidade desses conhecimentos.

Formação é um modo de recepcionar esse saber, de lidar com ele, de tomar posição quanto a ele, de utilizá-lo. Trata-se de uma utilização que não está necessariamente restrita à profissionalização, ao "mundo dos especialistas" dos historiadores. Ela é característica de todos os que desejam ou precisam efetivar sua compreensão do mundo e de si, na orientação da vida prática, em um determinado nível cognitivo. (...) Formação não é, por conseguinte, poder dispor de saberes, mas de formas de saber, de princípios cognitivos que determinam a aplicação dos saberes aos problemas de orientação. Ela é uma questão de competência cognitiva na perspectiva temporal da vida prática, da relação de cada sujeito consigo mesmo e do contexto comunicativo com os demais (RÜSEN, 2007, p.101).

Quando trato de aprendizagem histórica neste texto, utilizo diversas vezes o conceito de consciência histórica, diante disso considero fundamental levantar algumas considerações acerca de tal conceito. Para Rüsen (2007) a consciência histórica é uma categoria básica da didática da história. Assim, observo que o estudante tem uma consciência histórica própria que interage com a aprendizagem histórica e com sua experiência social e cultural constantemente.

Consciência histórica é a expressão utilizada contemporaneamente para designar a consciência que todo agente racional humano adquire e constrói, ao refletir sobre sua vida concreta e sobre sua posição no processo temporal da existência. Ela inclui dois

elementos constitutivos: o da identidade pessoal e o da compreensão do conjunto social a que pertence, situados no tempo (MARTINS, 2019, p.55).

Há entre a consciência histórica e a aprendizagem histórica uma relação mútua de constituição, visto que a aprendizagem se estrutura em uma consciência histórica prévia e colabora para uma estruturação desta.

A aprendizagem histórica é informal (no ambiente usual da vida prática) e formal (no sistema escolar). Todo processo de aprendizado supõe a CH (como inicialmente presente, ainda não tematizada, em todo agente), contribui para sua constituição e consolidação, precisa dela para firmar-se e desenvolver-se (MARTINS, 2019, p.56).

Assim sendo, no âmbito da sala de aula tanto professor, quanto estudante são detentores de consciência histórica e ambos também estão em processo de aprendizagem histórica, a interação entre as consciências históricas presentes em uma sala de aula deve também ser considerada.

No processo formal de aprendizagem escolar, a CH de docentes e discentes interagem numa comunicação intergeracional substantiva da convivência da convivência cultural e da produção de conhecimento histórico, mediante apropriação individual por todo aprendiz, em ambas relações: a interação intergeracional e a subsistente entre docentes e discentes. Há efeito reflexo desse aprendizado sobre o docente, para quem o aprendizado continua no exercício profissional e na vida sociocultural (MARTINS, 2019, p.57).

Portanto, o projeto “Memórias de Garanhuns” é um bom exemplo de um trabalho voltado para a história local que oportuniza a aprendizagem histórica a partir da influência mútua da consciência histórica entre professor e alunos e entre alunos e alunos.

3.1.Os Estudantes

Todo este trabalho tem como foco o estudante e sua aprendizagem a partir da experiência com um projeto que trata sobre a história local. Cabe então uma caracterização dos estudantes que participaram da pesquisa.

Para tanto utilizarei a análise do questionário⁷ que foi aplicado com estudantes dos três nonos anos do Ensino Fundamental da Escola Municipal IPH e apresentarei alguns dados quantitativos nesta explanação, bem como, utilizarei alguns gráficos para representar de maneira clara os resultados da análise.

⁷ O questionário pode ser visto no apêndice desta dissertação.

O questionário foi dividido em duas partes na primeira, busca dados relacionados às condições sociais e econômicas e na segunda, aborda questionamentos acerca dos conhecimentos históricos e ao projeto “ Memórias de Garanhuns” . Foi aplicado em maio de 2019 com estudantes dos três nonos anos do ensino fundamental. Optei por aplicar com esse grupo pela maturidade e experiência das turmas em relação às outras da escola, por estarem concluindo o ensino fundamental e por terem vivenciado de maneira ativa o projeto nos dois anos de realização⁸, também por estarem há mais tempo na escola.

Os nonos anos possuíam naquele ano, 115 estudantes matriculados, apliquei o questionário com 95, corresponde 82,6 %, os demais são faltosos ou desistentes. Entre os que participaram da pesquisa, 26 % se declararam brancos e 74% se declararam pretos ou pardos. Moravam na área urbana de Garanhuns 92 estudantes dos 95(97% do total de participantes), enquanto 2 moravam na zona rural e 1 morava em uma cidade vizinha(Canhotinho). A maioria estudava na escola há mais de dois anos, 98%. Predominava a família tradicional, a maioria morava com pai, mãe e irmãos, 83% morava em casa própria.

Chamou a atenção o quantitativo de estudantes que não sabia a escolaridade do pai, mais de 35 %, o número de estudantes que não sabia a escolaridade da mãe também foi alto, 22 %, esse dado causou a impressão de que o assunto educação escolar não é tema de diálogo nessas famílias. Acerca da escolaridade dos pais, 9 % possuem o fundamental I, 19% fundamental II, 19% ensino médio, 10,5% ensino superior, 4,5% não estudou e 3% não tinha pai. Quanto a escolaridade das mães, 6% cursou o ensino fundamental I, 19 % fundamental II, 36% ensino médio, 17% ensino superior . No que diz respeito à renda familiar 30,5 % afirmou que chega a um salário mínimo, 42% afirmou que fica entre dois e três salários mínimos, 7,5% acima de três salários e 20% não sabia a renda de suas famílias.

Com relação aos conhecimentos sobre história, a primeira pergunta do questionário tinha como objetivo entender como o estudante vê a disciplina história e a importância para sua vida. Separei as respostas, a partir dos argumentos, em quatro grupos. Para melhor distinguir as respostas nomeei os grupos da seguinte forma: grupo 1 (Considera a história importante), grupo 2 (Considera parcialmente importante), grupo 3 (Não considera a história importante) e grupo 4 (Não soube responder ou não opinou). Lembrando que, neste momento quando falo história, no questionário, voltado ao estudante, sobressai a ideia de disciplina escolar .

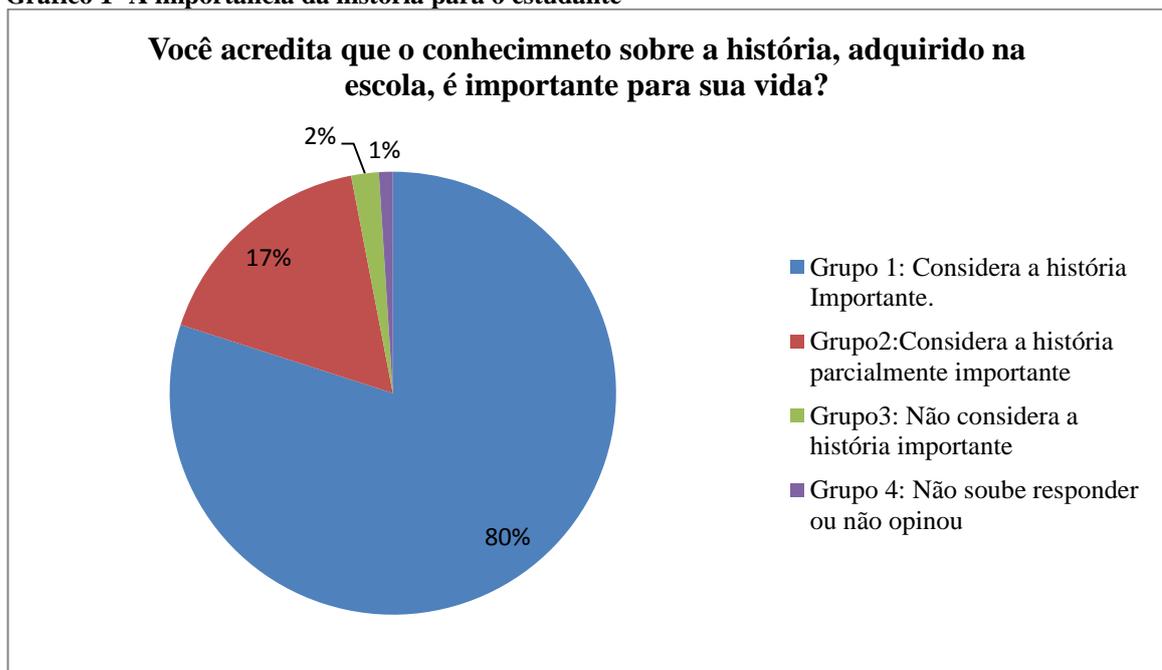
⁸ Em 2018 todas as turmas da escola participaram do projeto desde sua produção e apresentação, em 2019 os estudantes dos sextos e sétimos anos participaram apenas como expectadores.

Primeiro grupo considera a história muito importante e expressaram esta opinião afirmando que: “a história é muito mais que uma matéria da escola” (ESTUDANTE 3Q, 2019); “Entender história é importante para a vida”(ESTUDANTE 8Q,2019); “História é importante porque tudo que vem do nosso passado explica tudo que há no presente, como: política, economia, etc.” (ESTUDANTE 7Q, 2019); “Mostra os erros do passado e isso é importante para o presente” (ESTUDANTE 6Q, 2019); “É importante sim, porque posso aprender com erros cometidos no passado” (ESTUDANTE 9Q, 2019).

Segundo grupo pensa que a história é parcialmente importante, ou não relacionam a importância a sua vida prática, apenas aos estudos. Nesse grupo destaque alguns argumentos como, “É importante porque quando eu for fazer prova vou precisar deste conhecimento” (ESTUDANTE 10Q, 2019); “Quando eu for para a faculdade vou lembrar tudo que estudei no colégio” (ESTUDANTE 11Q, 2019); “Não sei ao certo. Pois algumas coisas que aconteceram e passaram não são importantes” (ESTUDANTE 16Q, 2019).

O terceiro grupo expressou desprezo pela disciplina história respondendo apenas “não” (ESTUDANTE 1Q, 2019) , “o que passou não volta e por isso não faz diferença”(ESTUDANTE 23Q, 2019), “a história não vai servi para o meu trabalho quando for adulto”(ESTUDANTE 24Q,2019). O quarto grupo concentra aqueles que não responderam ou responderam de maneira contraditória (Gráfico 1).

Gráfico 1- A importância da história para o estudante



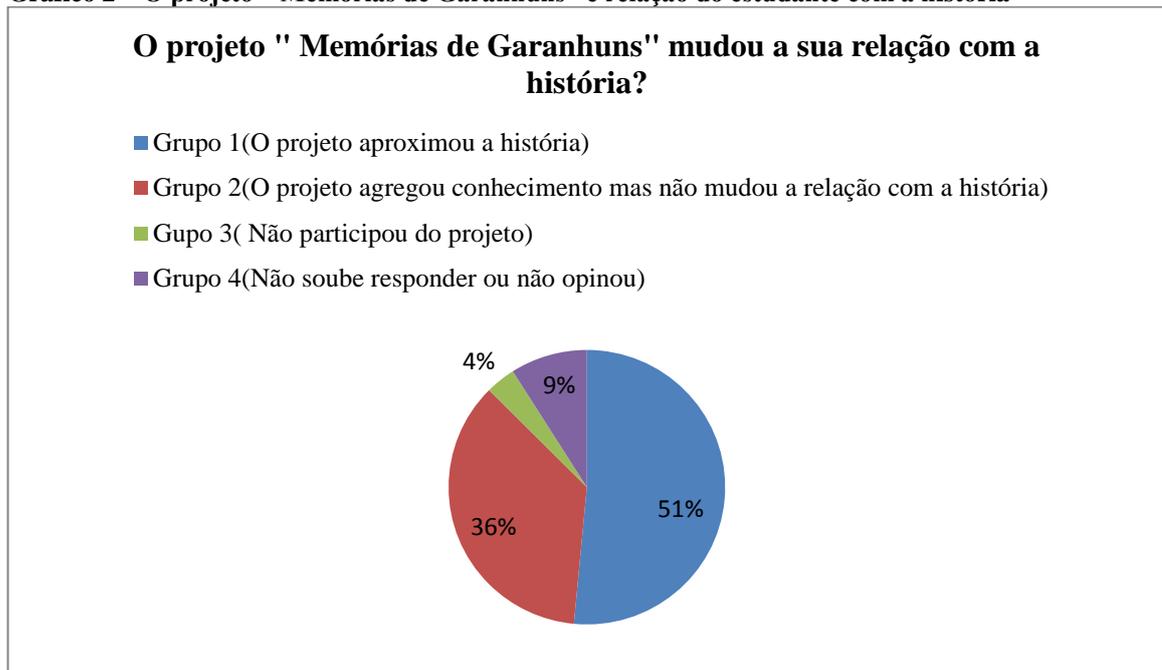
Fonte: Própria

Como é possível ser visto no gráfico, 97% dos estudantes que responderam ao questionário, consideram a disciplina história importante, 80% argumentam de maneira coerente que essa disciplina é importante e relacionaram essa importância ao valor do conhecimento do passado, à relação passado e presente e à valorização da experiência humana como saber necessário.

A segunda questão aberta do questionário buscou compreender a opinião do estudante sobre o projeto “Memórias de Garanhuns”, bem como, entender de que maneira o estudante considera que a vivência do projeto marcou ou não, a sua relação com a disciplina história. Para melhor entendimento, separei as respostas em quatro grupos. O grupo 1 concentra aqueles que consideraram que a vivência do projeto aproximou ou melhorou a relação com a disciplina história, esses usaram argumentos como: “Ampliou meu conhecimento sobre a história da minha cidade” (ESTUDANTE 10Q, 2019); “Passei a gostar mais da matéria” (ESTUDANTE 2Q, 2019); “Foi um grande momento de aprendizagem e também percebi o quanto deveríamos estudar nossas raízes” (ESTUDANTE 3Q, 2019); “ Descobri muitas coisas e fiquei mais interessada” (ESTUDANTE 4Q, 2019) ; “Depois do projeto tive vontade de conhecer onde moro e sobre minha cultura”(ESTUDANTE 5Q,2019); “ Mostrou que não é só o mundo lá fora que tem coisas boas, mas o nosso lugar também, e precisamos entender e aprender sobre nossa história e cultura” (ESTUDANTE 6Q, 2019); “Mudou muito, porque eu não gostava de história e depois me aprofundei nestes assuntos e gostei” (ESTUDANTE 7Q, 2019) . O grupo 2 envolve os estudantes que disseram que já gostavam de estudar história e o projeto não mudou essa relação que já era boa, esses responderam : “Antes do projeto eu já gostava da disciplina de história e depois do projeto continuei gostando” (ESTUDANTE 11Q, 2019); “Não mudou minha relação com a história porque sempre fui fascinado por essa matéria, mas aprendi muito” (ESTUDANTE 12Q, 2019); “Para mim história já era importante, só me fez ter mais conhecimento” (ESTUDANTE 14Q, 2019). Grupo 3, reúne os estudantes que não participaram ou que disseram não lembrar do projeto. O grupo 4 concentra as respostas contraditórias ou em branco.

Com base nas respostas nomeei os grupos para facilitar a leitura do gráfico. Grupo1 (O projeto aproximou a história); Grupo2 (O projeto agregou conhecimento mas não mudou a relação com a história); Grupo 3 (Não participou do projeto); Grupo 4(Não soube responder ou não opinou). Veja (Gráfico 2).

Gráfico 2 – O projeto “ Memórias de Garanhuns” e relação do estudante com a história



Fonte: Própria

É possível perceber no gráfico 2, resultante da pesquisa realizada com estudantes dos nonos anos, que 51% dos participantes da pesquisa achavam que a experiência do projeto os aproximou à disciplina história, despertando interesse, curiosidade e mais conhecimento. Para 36% o projeto agregou conhecimento, mas não modificou a relação com a história porque já era uma relação boa. Um grupo de 4% não participou do projeto, entre esses, alguns porque faltaram e outros porque se recusaram e 9% que respondeu de maneira contraditória ou não respondeu. Somando o grupo 3 e o grupo 4, tenho 13% do total de consultados que não foram atingidos positivamente pelo projeto, levo em consideração que nenhuma atividade pedagógica atinge 100% dos estudantes envolvidos, alguns não aprendem porque se recusam e outros porque apresentam alguma dificuldade de aprendizagem, ainda há aqueles que por questões sociais e familiares faltam muito as aulas. Mas considerando que o grupo 1 e o grupo 2 totalizam 87% que demonstraram algum interesse e aprendizagem no questionário sobre o projeto, entendo que, diante da realidade de uma escola pública, os objetivos do projeto foram alcançados por uma maioria.

A terceira pergunta buscava identificar, de maneira mais direta, o conhecimento que o estudante considera que desenvolveu na vivência do projeto “Memórias de Garanhuns”, um grupo que soma 25 % dos participantes respondeu que não lembrava, deixou em branco ou respondeu sem coerência e 75% demonstrou algum conhecimento acerca da história da cidade, da vida de Domiguinhos ou da contribuição da experiência. Destaco, nesse segundo grupo,

algumas respostas como: “ Muitas pessoas do nosso país não se interessam pela cultura do Brasil, de Pernambuco. Nesse projeto aprendi que não é preciso ir para o mundo lá fora para encontrar coisas boas” (ESTUDANTE 10Q, 2019); “Eu não sabia que havia vários artistas na minha própria cidade” (ESTUDANTE 21Q, 2019); “Aprendi que Garanhuns tem muita coisa boa, mas também tem muito a melhorar” (ESTUDANTE18Q, 2019).

Com relação à entrevista direcionada aos estudantes, buscou entender a opinião dos mesmos acerca do projeto, provocar a memória em torno das experiências vividas na realização das pesquisas e produção dos trabalhos, bem como, identificar na fala dos mesmos a contribuição da realização dessas atividades para a consciência histórica dos estudantes entrevistados. Vale salientar que, estou identificando os estudantes que responderam os questionários pela ordem de análise portanto, o educando que respondeu o primeiro questionário não é o mesmo que participou da entrevista, por esse motivo na denominação, usei “Q”, para me referir à resposta obtida no questionário e “E”, para me referir à resposta obtida na entrevista.

No que diz respeito à opinião dos estudantes ouvi relatos como: “Eu não participei desse projeto porque precisei faltar nesse período” (ESTUDANTE 1E, 2019). “Acho muito bom um projeto como esse, porque é melhor que só aula, aula e aula.” (ESTUDANTE 2E, 2019). “Quando chegar um turista na cidade eu vou saber falar sobre a cidade e sua história. Eu lembro que o professor falou que a cidade já viveu muitas tragédias” (ESTUDANTE 3E, 2019). “Conheci artistas e escritores da cidade que são conhecidos no mundo, fiquei feliz porque quero seguir o caminho da música, então gostei de conhecer aquela cantora lá, esqueci o nome dela”(ESTUDANTE 5E,2019). “ É muito bom, foi um trabalho bom, e foi bom não apenas para nós do nono ano que estamos saindo mas também para os alunos menores” (ESTUDANTE 6E, 2019).

Analisando esses trechos das falas percebo, na falada estudante1E , que até mesmo um projeto muito bem planejado e com profissionais dedicados não consegue atender a totalidade do público, assim como outros métodos de ensino e aprendizagem também não são totalmente eficazes no sentido de envolver todos os indivíduos, isso não quer dizer que deva ser abandonada qualquer prática pedagógica, os educadores precisam ser persistentes em seus objetivos na efetivação da aprendizagem e diagnosticar pontos críticos como esse ajudam a melhorar a prática.

A educanda 2E, considera a vivencia do projeto como uma maneira de aprender rompendo com a rotina, fez diferença para ela e a mesma não esquece do dia que decorou a sala e que conheceu personalidades da cidade. Já o educando 3E, se sente agora com

competência de reproduzir o que aprendeu para outras pessoas, lembrou de um detalhe na fala do professor e em outros momentos falou de fatos da história da cidade que teve conhecimento na oportunidade da pesquisa, chegando a citar, “teve a hecatombe, uma barraca de fogos que explodiu e os canibais.” (ESTUDANTE 3E, 2019).

A educanda 5E, sentiu-se representada na figura de alguns artistas da cidade e isso lhe deu perspectiva, como é possível ver na fala seguinte da mesma, “se eles puderam eu também posso” (ESTUDANTE 5E, 2019). A educanda 6E, valoriza o projeto como uma maneira de promover o aprendizado dos envolvidos e dos expectadores que ela chama de “alunos menores”, evidência essa que revela o quanto a mesma se sentiu competente na realização das atividades e até mesmo o quanto acredita que contribuiu para a escola.

Durante as entrevistas com os estudantes percebi que ao buscarem em suas próprias memórias sobre a vivência do projeto e ao construírem suas narrativas acerca do assunto trouxeram a tona conhecimentos que estavam guardados e ao serem remexidos e rememorados promoveram a reflexão contribuindo assim, para o processo de formação do conhecimento. Inclusive flagrei ocasionalmente, alguns buchichos entre eles nos corredores, após a realização das entrevistas, que me fez acreditar, naquele momento de informalidade, onde conversavam sobre o que um ou outro tinha falado lá dentro da salinha, quando estavam cara a cara comigo individualmente, os fez trocar memórias.

A história oral, então, é história dos eventos, história da memória e história da interpretação dos eventos através da memória. A memória, na verdade, não é um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significado.(...)Na verdade, os eventos são reconhecidos como tais, e tornam-se lugares de significado, primordialmente através do trabalho de memória pessoal e pública, que seleciona certos eventos a partir do conjunto disforme de acontecimentos cotidianos e os investe de significados (PORTELLI, 2016, p.18 - 19).

Em acordo com essa afirmação entendo que a pesquisa com a oralidade não é uma simples coleta de dados, entrei naquele espaço, reanimei as experiências e inevitavelmente interferi na realidade, contribuindo, de certo modo, para a ressignificação do evento. Talvez antes de serem entrevistados, professores e estudantes não tivessem consciência da importância de suas experiências para a pesquisa sobre o ensino de história.

Na fala da estudante 6E , notei que em um certo momento ela confunde a memória do projeto de 2018 com 2019, isso não diminui a validade do seu relato mas mostra que o trabalho com memórias estar sujeito a essa situação, no momento da entrevista, a memória do projeto de 2019 estava mais presente porque fazia poucos meses da sua realização, mas tentei

provocar as lembranças do projeto de 2018 e a estudante buscou justamente a experiência que mais lhe marcou que foi o contato com a cantora Andréia Amorim.

Tinha algumas coisas que eu não sabia antes, o ano passado a gente falou sobre várias coisas culturais. Esse ano foi sobre Domiguinhos, a gente fez uma maquete da Praça Mestre Domiguinhos e falamos sobre a vida dele, história dele, que ele era daqui, que tinha vários irmãos e morava numa casa pequena, mas ele se mudou e depois voltou para Garanhuns para fazer shows. Tem uma cantora daqui, Andréia Amorim, a gente falou um pouco sobre ela, que é uma cantora de Garanhuns., isso foi o ano passado. Gosto muito de trabalhar com projetos (ESTUDANTE 6E, 2019).

A conversa com a estudante 7E, revelou que para ela foi muito marcante a dinâmica utilizada pelo seu grupo na apresentação de trabalho, bem como, a relação com o público e com os colegas do mesmo grupo, de outros grupos e até mesmo de outras turmas, ou seja, as relações interpessoais que a vivência do projeto oportunizou.

Meu projeto teve base em várias perguntas, por exemplo, a gente fez uns brigadeiros, eu e minhas amigas da sala e a gente fez várias perguntas, colocou dentro de uma caixinha e o pessoal que vinha visitar a nossa sala, perguntas sobre Garanhuns, entendeu? Aí sorteava, pegava uma pergunta e quem acertava ganhava um brigadeiro. Essa foi a nossa participação. Mas eu ajudei na decoração da sala e ajudei outros grupos (ESTUDANTE 7E, 2019).

As expectativas encontradas nas falas dos professores, como valorização cultural, desenvolvimentos de perspectivas de futuro, prazer em pesquisar e aprender, podem ser confirmadas nos relatos dos estudantes como, por exemplo, na fala da estudante 8E.

O projeto influenciou bastante no nosso conhecimento sobre a história da nossa cidade, sobre até mesmo os artistas, os poetas, eu gostei muito, até porque eu gosto muito de cantar, então o ano passado veio Andréia Amorim, a gente teve a oportunidade de cantar com ela, então foi uma experiência maravilhosa, foi muito bom. . Esse ano o meu grupo da sala, a gente cantou uma música de Domiguinhos “Sanfona sentida” .Então foi ótimo. Se chegar um turista e me perguntar o que você sabe sobre Domiguinhos, a gente já sabe dizer alguma coisa. Em um projeto assim a gente tem a oportunidade de fazer o que gosta (ESTUDANTE 8, 2019).

A fala da estudante 8E, resume bem o que foi dito por outros estudantes e confirma as considerações dos professores, mostrando que de algum modo, os objetivos do projeto foram alcançados. Os relatos dos estudantes revelaram a maneira na qual o projeto “Memórias de Garanhuns” possibilitou o desenvolvimento de habilidades, talentos e interesses pelo conhecimento histórico, eles mostraram que conhecer o lugar onde vivem e suas memórias lhes oportunizaram o aprimoramento de suas maneiras de pensar o passado, presente e até mesmo futuro de suas vidas e de seu espaço físico, social e cultural.

Analisando as falas dos estudantes vejo a necessidade de retomar algumas reflexões em torno da consciência histórica. É possível captar nas falas dos estudantes competências próprias da consciência histórica apresentadas por Rüsen (2007), como a identidade individual e coletiva, a relação própria e do grupo com o tempo, a identificação da experiência humana, a interpretação das informações e a perspectiva de atrelar sua formação escolar à sua vida prática. Acredito que o trabalho contínuo da equipe docente mobilizou a percepção dos educandos com relação aos aspectos citados, mas acho importante reforçar que não considero o professor o detentor de todo saber e consciência que tem a função de transferir conhecimento e doutrinar o estudante, pode parecer para o leitor que ao defender uma abordagem local para aproximar a disciplina história e o estudante esteja atribuído à escola e ao professor papéis que não lhes cabem, o estudante quando chega a escola já possui consciência histórica. Parto da ideia que Cerri (2011) defende quando afirma:

Se o ensino da história implica o gerenciamento dos objetivos curriculares e das concepções de tempo de história que os alunos já trazem consigo desde fora da escola, então o professor de história definitivamente não é um tradutor de conhecimento erudito para o conhecimento escolar, um simplificador de conteúdos. É sim um intelectual capaz de identificar os quadros de consciência histórica subjacentes aos sujeitos do processo educativo- inclusive o seu próprio- e de assessorar a comunidade na compreensão crítica do tempo, da identidade e da ação na história (CERRI, 2011, p.18).

Portanto compete aos professores e a escola oportunizar a aprendizagem, promover o debate respeitoso, mover esforços para evitar equívocos baseados em informações falsas, negacionismos e radicalismos.

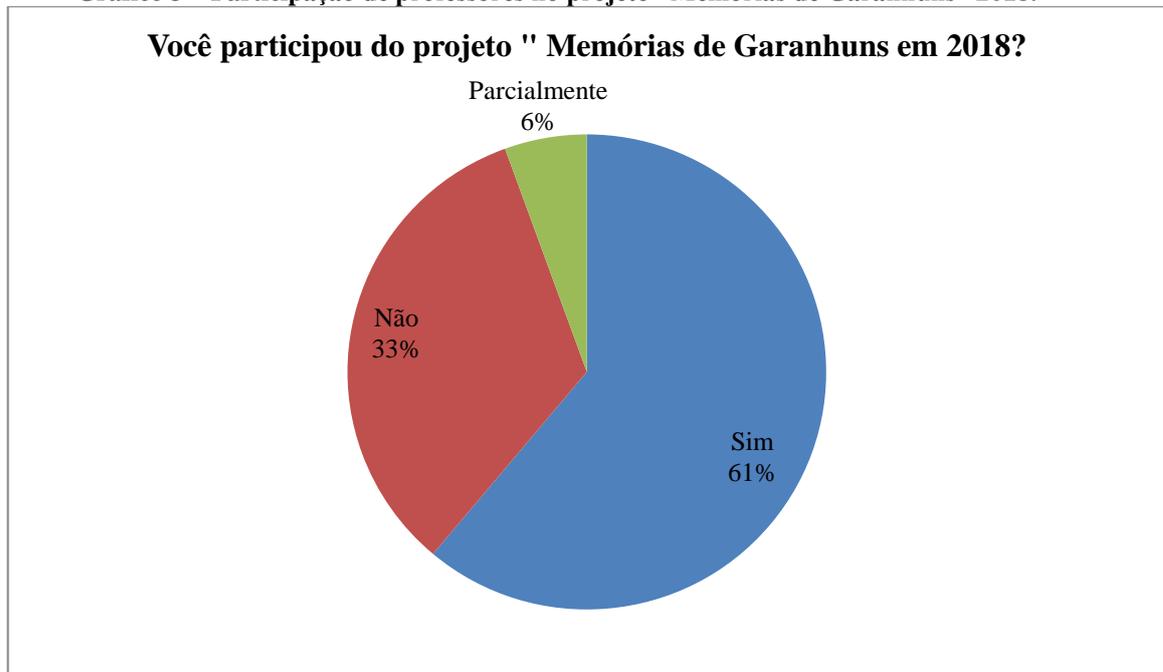
3.2. Os Professores

Diante da impossibilidade de realizar novas entrevistas orais e visitas a escola em 2020, elaborei um formulário com questões e enviei para o gestor da Escola Municipal IPH, solicitei que repassasse aos professores por aplicativo de mensagens e recebi, em oito dias, vinte respostas. De todos que colaboraram, uma professora é da sala de leitura, uma da primeira fase da Educação de Jovens e Adultos e os demais, são todos do ensino fundamental II, das mais diversas áreas, linguagens, humanas, exatas e ciências da natureza, o total de professores desse nível de ensino é de quarenta e dois.

As quatro primeiras questões foram de identificação dos participantes, e-mail , nome, função que exerce na escola e turmas que leciona. A partir da quinta questão os questionamentos foram sobre o projeto “Memórias de Garanhuns”.

A quinta e a sexta questão estão diretamente ligadas, na quinta pergunto sobre participação no projeto “Memórias de Garanhuns” em 2018. As opções de resposta são: sim, não e parcialmente.

Gráfico 3 – Participação de professores no projeto “Memórias de Garanhuns” 2018.



Fonte: Própria

Embora todos tenham autorizado o uso dos dados no formulário, vou nomear os participantes pela ordem das repostas, essa ordem não tem relação com a ordem utilizada no capítulo anterior, ou seja, o professor 1 das entrevistas orais não é o professor 1 do formulário.

A sexta questão deixou o espaço para os professores relatarem como foi sua participação ou justificar a não participação. O espaço para responder ficou aberto às respostas subjetivas. Entre os que responderam que não participaram do projeto em 2018, as justificativas foram de que, não participaram porque ainda não faziam parte da equipe de professores, a única pessoa que respondeu parcialmente, na justificativa respondeu assim: “Experiência gratificante, na elaboração do tema proposto e com planejamento amplo.” (PROFESSORA 9, 2020).Essa justificativa a envolve diretamente no projeto, contradizendo o que optou na questão 5.Destaco algumas respostas da sexta questão que resumem bem a argumentação da maioria que respondeu sim, como este da professora 7:

Foi um trabalho de suma importância tanto para mim, enquanto professora, como também para meus alunos, quando na oportunidade podemos partilhar de conhecimento acerca de um grande ponto de referência em nossa cidade, as " Sete Colinas" de forma contextualizada e interdisciplinar (PROFESSORA 7, 2020),

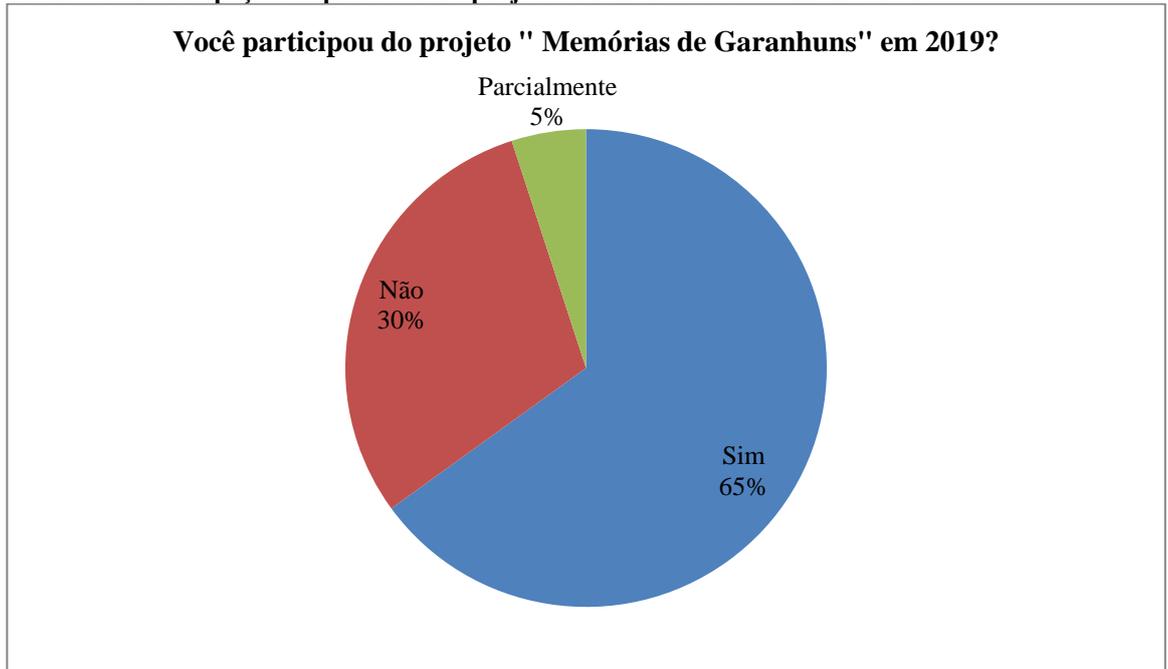
Tanto a resposta da professora 7, quanto a do professor 11, revelou que o projeto foi uma oportunidade de troca de conhecimentos e de aprendizado histórico, tanto para professor, quanto para estudante.

Eu participei sim. Fiquei responsável por uma turma de 7º ano, onde tivemos que trabalhar as personalidades de Garanhuns em diferentes âmbitos. Mesmo sendo um trabalho fora da minha área de formação, além do fato de eu residir a poucos anos na cidade de Garanhuns, foi um momento ideal para adquirir novos conhecimentos. Cito inclusive o fato de que antes eu não sabia que Garanhuns tinha tantas personalidades seja no esporte, seja na música e etc. Somado a isso confesso que conhecia apenas Dominginhos e alguns esportistas como Fernando Skaff, mas com a pesquisa dos estudantes, a exposição de conhecimentos por parte deles e com o auxílio enquanto professor, passei a conhecer um mundo diferente. Gostei muito do trabalho (PROFESSOR 11, 2020).

O argumento da professora 19(2020), embora curto, chamou a atenção por ter ressaltado a importância da oralidade na experiência, "gostei do resgate da oralidade". É um recurso que foi utilizado no projeto da escola, mas que foi pouco citado, no capítulo anterior trato sobre o uso da história oral nessa experiência pedagógica e acredito que uma das contribuições que poderei fazer a essa escola é sugerir que nos próximos projetos explorem mais essa possibilidade.

As perguntas 7 e 8 , foram sobre o projeto "Memórias de Garanhuns" de 2019, foi possível perceber que a adesão dos participantes da pesquisa foi um pouco maior, nesta edição, provavelmente, pela maior proximidade temporal, levando em consideração a rotatividade que pode ocorrer na equipe ano a ano (Gráfico 4).

Gráfico 4 - Participação do professor no projeto “Memórias de Garanhuns” 2019.



Fonte: Própria

A resposta à questão 8 abriu espaço para o colaborador falar sobre sua participação no projeto pedagógico, na sua edição de 2019, ou justificar a sua não participação. Entre os que responderam que não participaram, ocorreu uma justificativa que foi o fato de não trabalhar nas turmas que foram contempladas no projeto nessa edição. Expliquei no tópico anterior, em nota, que, em 2019, apenas oitavos e nonos anos participaram diretamente na produção dos trabalhos e apresentações, os demais estavam apenas como expectadores, nesse ano o projeto teve dimensões menores. As outras pessoas que responderam não, na questão 7, justificaram que não participaram por não estarem ainda na escola naquele ano.

Uma só pessoa respondeu a opção “parcialmente”, não foi a mesma professora que deu essa resposta na sexta pergunta, a justificativa dessa vez, assim como no outro caso, mostrou o envolvimento da profissional no projeto. “Ficamos com os pontos turísticos, mas gostei mais das descobertas históricas. Como Castelinho, que o parque Euclides era um cemitério” (PROFESSORA 14, 2020).

As respostas correspondentes aos professores que responderam sim, foram: “Bom, por buscar valorizar a história da cidade” (PROFESSOR 20, 2020); “Participei e foi menos grandioso do que o anterior, porém foi muito bom e mais focado num tema específico”(PROFESSORA 18,2020); “Momento muito rico, de resgate da nossa história e perpetuação da nossa cultura”(PROFESSORA 8,2020). E alguns como o professor 11, detalharam o trabalho desenvolvido pela turma que orientaram.

Sim. Assim como em 2018, a experiência foi muito boa. Minha turma (9º ano A) trabalhou as composições do eterno músico, Dominginhos. Todo o trabalho também foi desenvolvido de forma interdisciplinar, inclusive nessa mesma turma, teve produção de fantoches, além de apresentações musicais interpretando os principais sucessos do cantor. Pra mim, novamente, foi um momento de grande aprendizagem (PROFESSOR 11, 2020).

A pergunta 9, tratou sobre a opinião do professor acerca da experiência com projetos interdisciplinares como o que estar sendo alvo desta pesquisa. A pergunta era: você considera positivo o trabalho com projetos interdisciplinares, como o "Memórias de Garanhuns"? Justifique. Todos os participantes afirmaram que sim, consideram positivo o trabalho com projetos interdisciplinares. “Sim. É uma oportunidade de envolver toda a escola em um único projeto e muda a rotina tornando-a ainda mais interativa.” (PROFESSORA 15, 2020); “Sim. Todos de alguma forma podem contribuir na construção do conhecimento” (PROFESSORA 5, 2020). As respostas dos professores a essa questão foram muito semelhantes, todos tratam da importância da interação entre as disciplinas, colegas e estudantes na construção de conhecimento. A argumentação do professor 11, chama atenção por contemplar essa interação e por mencionar a matemática, mesmo em uma pesquisa que trata sobre um projeto mais voltado para a área de humanas, que muitas vezes é vista a muita distância da área de exatas.

Sim. Extremamente positivo, uma vez que o trabalho interdisciplinar não só traz uma proximidade entre as diferentes áreas como mostra diferentes maneiras de abordar a temática, fazendo com que o aluno possa buscar estabelecer esse elo entre os diferentes conhecimentos que ele está adquirindo. O ensino de matemática, por exemplo não deve estar pautado apenas em ensinar o estudante a calcular, ele precisa saber aplicar esse cálculo e associar esse conhecimento as situações do dia a dia. A interdisciplinaridade pode facilitar a construção desse processo (PROFESSOR 11, 2020).

A contribuição da professora 16, chama a atenção para a oportunidade de envolvimento de toda comunidade escolar em um projeto interdisciplinar.

Os projetos interdisciplinares são sempre experiências muito positivas, principalmente porque envolvem todos os que fazem parte da escola, não só alunos e professores, mas gestores, funcionários e familiares dos alunos, em alguns casos, a comunidade local e convidados. Além da aprendizagem de conteúdos, somam-se o resgate e o respeito pela cultura, em diferentes registros e de outras épocas (PROFESSORA 16, 2020).

As similaridades entre as respostas dos professores, que responderam individualmente ao formulário, revelam a coerência da equipe quanto a assuntos muito caros ao ensino básico, como é a interdisciplinaridade.

A décima questão tinha como objetivo levantar as dificuldades encontradas na realização do projeto pedagógico. A pergunta era: existe algo que você considera que poderia mudar, para melhorar o projeto "Memórias de Garanhuns" nas próximas edições? Justifique sua resposta. Oitenta por cento apontou mudanças que considera necessária ou dificuldade que atrapalhou em algum aspecto. A queixa mais presente nos comentários estar relacionada aos recursos. "Sim, com certeza mais recursos, visto que nosso trabalho, boa parte das vezes, fica limitado devido aos custos, que são inviáveis aos estudantes." (PROFESSORA 7, 2020).

A professora 15, chama atenção para o problema estrutural da escola, detalhe que foi muito falado nas entrevistas orais e mencionado no capítulo anterior. "Nossa maior dificuldade é o espaço físico. Não temos uma estrutura adequada e isso dificulta um pouco." (PROFESSORA 15).

Uma reclamação muito presente nas justificativas, foi o pouco tempo, alguns sugeriram que o projeto começasse a ser planejado no ano anterior ou, como a professora 5, que houvesse uma maior organização do tempo.

Uma sugestão presente em duas falas foi a diversificação do tema, alguns colegas chegaram a sugerir abordagens e temas, revelando que não faltam ideias para as próximas edições do projeto. "Sim. Acho muito importante a história de Pernambuco que, por coincidência, a data magna é comemorada na mesma semana, que esse projeto também trabalhasse a história do nosso estado." (PROFESSOR 20, 2020).

O argumento da professora 12 merece destaque por ter mencionado a necessidade de ressaltar a origem afrodescendente da cidade, no capítulo 1, quando tratei sobre a história da cidade, falei sobre a predominância da narrativa histórica que prioriza a visão do homem branco como protagonista e nega a origem do povoamento ligada ao Quilombo dos Palmares. A fala da professora é breve, mas diz muito: "Explorar a memória afrodescendente que deu origem a Garanhuns." (PROFESSORA 12, 2020).

Uma justificativa que converge com o que defendo aqui, no que se refere ao uso da história oral na sala de aula, foi a da professora 19, quando diz: "Sim, retratar e ouvir mais as pessoas antigas e suas memórias sobre Garanhuns" (PROFESSORA 19, 2020).

O questionamento da pergunta 12 foi sobre a interferência do afastamento social, no contexto da pandemia de COVID-19, para realização de projetos pedagógicos como o "Memórias de Garanhuns". Todos os participantes concordaram que o afastamento social e as

dificuldades de acesso remoto ao estudante impediram a realização de projetos pedagógicos mais elaborados, no estilo do “Memórias de Garanhuns”, por dificultar a interação entre os próprios estudantes e com o professor, devido a dificuldade dos estudantes de acesso a internet de qualidade, por impedir a realização de pesquisas, entrevistas e visitas, para colher informações . Enfim, a pandemia pegou toda a educação de surpresa, sem estrutura, sem recursos e sem preparo para oferecer um serviço de qualidade com equidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo inicial desta pesquisa foi analisar a prática do ensino de história local na Escola Municipal Instituto Presbiteriano de Heliópolis, Garanhuns- Pernambuco, a fim de refletir sobre a hipótese de que a vivência de experiências pedagógicas que tenham base na história e cultura local é uma possibilidade para o ensino de história na educação básica, no ensino fundamental II.

Após entrevistas e aplicação de questionários, com equipe docente e discente, foi possível perceber que o trabalho com o ensino de história local amplia horizontes para o aprendizado significativo da história.

A escola em análise possui um projeto pedagógico interdisciplinar, “Memórias de Garanhuns”, pensado por docentes e equipe gestora, vivenciado desde 2018, que teve resultados satisfatórios tanto para professores, quanto para estudantes e tem como base o trabalho com temáticas ligadas a história local.

A pesquisa em torno do projeto pedagógico mencionado mostrou que, apesar das dificuldades e limitações, comuns à uma escola pública municipal, a realização de um trabalho que possibilite a vinculação da vida prática à aprendizagem histórica é possível, desde que exista interesse e compromisso entre os envolvidos.

Foi possível perceber que a interdisciplinaridade pode ser uma estratégia para o ensino de história, que amarga uma carga horária reduzida na educação básica e através de projetos como o “Memórias de Garanhuns” consegue espaço junto ao público escolar e comunidade local.

A coerência entre os argumentos de professores e alunos, revela que as expectativas de aprendizagem pensadas no planejamento do projeto “Memórias de Garanhuns” foram alcançadas junto aos estudantes.

A boa relação da maioria dos estudantes com a disciplina história, percebida nas entrevistas e questionários é fruto do trabalho dedicado de uma equipe que já vem há pelo menos três anos sendo executado.

A avaliação positiva dos estudantes, professores e gestão junto ao projeto “Memórias de Garanhuns”, comprova a hipótese de que, um bom trabalho com o ensino, a pesquisa e a produção acerca da história local contribui para a formação histórica e integral dos educandos.

A pandemia do novo corona vírus, potencializou algumas dificuldades já existentes na escola, como falta de espaço, tempo e recursos, interrompeu o trabalho da referida escola, assim como toda educação pública, mas os educadores se mostram dispostos ao

enfrentamento à nova realidade, sendo perceptível nas respostas aos questionários que já pensam em novas temáticas para desenvolverem em outras edições do projeto “Memórias de Garanhuns”.

A oportunidade de realizar esta pesquisa, de observar o bom trabalho dos colegas, foi muito proveitosa, como professora da rede pública e como pesquisadora, contribuiu para meu crescimento pessoal e profissional.

Acredito que as indagações, próprias da pesquisa, reanimaram as memórias dos professores e estudantes e provocaram a ponderação sobre a importância do trabalho realizado pelos mesmos visto que, as urgências do cotidiano escolar, muitas vezes lhes tiram a possibilidade de refletir sobre o que já foi feito.

Espero que esta dissertação venha a contribuir para o debate em torno do ensino de história local, bem como para o registro e propagação de tal experiência pedagógica exitosa.

REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia. **Curriculos de História e políticas públicas: Os programas de História do Brasil na escola secundária.** IN: BITTENCOURT, Circe(Org). O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2002.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral.** Rio de Janeiro: FGV, 2013.

ALMEIDA, Roberto. **O dia em que Garanhuns explodiu.** Garanhuns. Disponível em: <<http://robertoalmeidasc.blogspot.com/2013/06/o-dia-em-que-garanhuns-explodiu.html>>. 2013. Acesso em: 06 de abril de 2020. Il. Color.

AMADO, Janaína. **História e região: reconhecendo e reconstruindo espaços.** In: Silva, Marcos Amado da (Coord.). **República em Migalhas: história regional e local.** São Paulo: ANPUH, 1990.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História: especialidades e abordagens.** Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BENTO, Maxuell. **Símbolos Oficiais de Garanhuns completam 60 anos.** IL. Color. Garanhuns. Disponível em: <<http://garanhunsinstituto.blogspot.com/2018/03/simbolos-oficiais-de-garanhuns.html>>. 2018. Acesso em: 15 de março de 2020. Color.

BLOG Flickr. **Vista Panorâmica de Garanhuns.** IL. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/garanhunsfotos/4371141544/in/photostream/>> Acesso: 13 de abril 2020

BLOG Presbiteriano Acontece. Disponível em: <<http://presbiterianoacontece2012.blogspot.com/>> Acesso em : 18/01/2021

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394, 20 de dezembro de 1996).** Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/I9394.htm> Acesso em: 14/06/2018.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História.** Brasília, 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/c.civil_03/Ato2011-2014/2013/Lei/L12796htm> Acesso em: 14/06/2018

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de Implementação da BNCC.** Brasília, 2020. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/guia_BNCC_2018_atualizacao_2020_cap_1_ao_6_interativo_28.pdf> Acesso em: 15/01/2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1998. Disponível em:< <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/introducao.pdf>> Acesso em:15/01/2021.

BITTENCOURT, Circe(Org). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002.

BITTENCOURT,Circe Maria Fernandes.**Ensino de História: Fundamentos e métodos**.São Paulo:Cortez, 2011.

BNCC,Disponívelem:<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf> Acesso em:17/12/2019

CAMPAM, Adriana. **Educação Patrimonial: uma Experiência em busca de uma Inovação no Ensinar e no Aprender**..Rio Grande do Sul: UFRGS,1997.

CARDOSO, Igor.**10 de Março de 1811-Dia de Garanhuns**. Garanhuns.2014.Disponível em:< <https://garanhunsinstituto.blogspot.com/search?q=O+DIA+DE+GARANHUNS>> Acesso em:13 de abril de 2020.

CARDOSO,Igor.**Instituto Histórico e Geográfico de Garanhuns**.IL.Color.Garanhuns,2019. Disponível em:< <https://garanhuns.pe.gov.br/instituto-historico-geografico-e-cultural-de-garanhuns-contara-com-programacao-do-dia-de-garanhuns/>>. Acesso em: 14 de abril de 2020.

CARRETERO, Mario;ROSA, Alberto;GONZÁLEZ, Fernanda e colaboradores. **Ensino de História e Memória Coletiva**. Porto Alegre: Artmed,2007.

CARRETERO, Mario. **Documento de identidade: a construção da memória histórica em um mundo globalizado**. Porto Alegre: Artmed,2010.

CAVALCANTI, Alfredo Leite. **História de Garanhuns**. Recife: Cehm Fiam, 1983.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de História e Consciência Histórica**. Rio de Janeiro: FGV,2011.

CERTEAU, Michel de . **Invenção do cotidiano**:1. Artes de fazer. 22 ed-Petropolis, RJ ; Vozes , 2014.

CESAR, Ronaldo. IL,pEb. Disponível em:< <https://blogdoronaldocesar.blogspot.com/2016/09/predio-da-antiga-radio-difusora-de.html>>. Acesso em: 14 de abril de 2020.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CIAMPI, Helenice.**O processo de conhecimento/pesquisa no ensino de história**. Londrina: História e Ensino v. 9, p. 109-132, 2003

COSTA, Aryana. **História Local** . IN:FERREIRA, Marieta Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. Dicionário do Ensino de História. Rio de Janeiro:FGV Editora,2019.

DEUS, Rodolfo Alexandre da Silva Gomes de.IL. color. UFRPB.2017. Disponível em:<https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-de-localizacao-do-municipio-de-Garanhuns-PE_fig1_327424335> Acesso em 06 de maio de 20.

DEZEMONE, Marcus. **Diretrizes Curriculares** . . IN:FERREIRA, Marieta Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. Dicionário do Ensino de História. Rio de Janeiro:FGV Editora,2019.

DIÁRIO MUNICIPAL. Disponível em:<<http://www.diariomunicipal.com.br/amupe/matéria/1128795>>Acesso em :24/07/2019.

FALCÃO, Macilon. IL.pEb.Disponível em:<<http://www.tvgaranhunsagreste.com.br/v2/index.php/cobertura-fotografica/image/>> Acesso em:14 de abril de 2020.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato. **Aprendendo história: reflexão e ensino-2.ed**-Rio de Janeiro: FGV, 2013.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados** . 13. ed. rev. ampl. Campinas, SP: Papyrus, 2013. 443 p (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

FONSECA, Selva Guimarães;ZAMBONI,Ernesta. **Espaços de formação do professor de história**. Campinas, SP: Papyrus,2008. ._(Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **História e ensino de História_ 4º ed.**;Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

GADOTTI, Moacir. **Educação e Poder: Introdução à pedagogia do conflito**. São Paulo: Cortez, 1998.

GARCEZ,Tito.IL.Color. Disponível em:<<http://historiascenariosnordestinos.blogspot.com/2013/08/garanhuns-pe-suica-fernabucana.html>>.2013.Acesso em:14 de abril de 2020.

GARANHUNS, Governo Municipal. Disponível em:<<https://garanhuns.pe.gov.br/prefeitura/o-municipio/localizacao>>.Acesso em:15/11/2018

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A Arte do Povo na Literatura de Cordel(1900-1940)**. Jundiá, Paco Editorial:2015.

GRILLO, Maria Ângela de Faria.**O Cordel e o Ensino de História:Possibilidades de uso e conhecimento histórico a partir da literatura de cordel**. IN:Silva, Gian Carlo de Melo

(org), Memória, história e cordel em Alagoas: teorias, práticas e experiências. Maceió: EDUFAL, 2014

GUEIROS, Anchieta. **Garanhuns- Árvore genealógica de Simôa Gomes de Azevedo**. IL.p&b.Garanhuns.Disponível em:<<https://blogdoanchietagueiros.blogspot.com/search/label/HIST%C3%93RIA>>Acesso em 13 de abril de 2020.

GUEIROS, Anchieta. **Árvore de Cedro Rosa**. IL.Color. Garanhuns. Disponível em:<<http://blogdoanchietagueiros.blogspot.com/2017/11/arvore-cedro-rosa-e-patrimonio.html>>. Acesso em: 14 de abril de 2020.

GUEIROS, Anchieta. **Última Viagem do Trem**. IL. p&b. Disponível em:<<http://blogdoanchietagueiros.blogspot.com/2017/11/arvore-cedro-rosa-e-patrimonio.html>>. Acesso em: 14 de abril de 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HOBSBAWN, Eric. **A história de baixo para cima**. In: ID. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HORN, Geraldo Balduino; GERMINARI, Geyso Dongley. **O ensino de História e seu currículo: teoria e método**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:<<http://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/garanhuns/panorama>>. Acesso em: 20/05/2018.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Mapas- Brasil e Nordeste**. IL.Color. Disponível em:< <https://mapas.ibge.gov.br/escolares/publico-infantil/mapas-estaduais.html>>. Acesso em:13 de abril de 2020.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Mapa de Pernambuco**. IL.Color. Disponível em:< <https://mapas.ibge.gov.br/escolares/publico-infantil/mapas-estaduais.html>>. Acesso em:13 de abril de 2020.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IL.pEb. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/garanhuns/historico>. Acesso em:14 de abril de 2020.

LAVILLE,Christian. **A Guerra das Narrativas: debates e ilusões em torno do Ensino de História**.SP: Revista Brasileira de História, v.19,nº18,p.125-138.1999.

LIMA, José Cláudio Gonçalves. **Os sitiados e a hecatombe de Garanhuns: romance histórico**. Recife: Ed. Do Autor, 2009.

LIMA, Luiz Gonzaga de. **Garanhuns: Assim começou**. Livro de cordel. Garanhuns-PE, 1998.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011. Apoio: Faperj

LOWENTHAL, David. **Como Conhecemos o Passado. Projeto História.** São PAULO(17) Nov.1998.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Estevão Rezende. **Consciência Histórica.** IN:FERREIRA, Marieta Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **Dicionário do Ensino de História.** Rio de Janeiro:FGV Editora,2019.

MARTINS, Marcos Lobato. **História Regional** IN: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Novos temas nas aulas de história.** São Paulo: Contexto, 2010.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. **Professores: entre saberes e práticas.** Educação & Sociedade, ano XXII, nº 74, Abril/2001. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/es/v22n74/a08v2274.pdf>.> Acesso em:18 de janeiro 2021.

NIKITIUK, Sônia Maria Leite(Org.). **Repensando o Ensino de História.** São Paulo: Cortez,1996.

NIKITIUK, Sônia Maria Leite. **Um processo coletivo de formação continuada pelos caminhos da história local.** Tese(doutorado em educação) São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.Disponível em:< <https://repositorio.usp.br/item/001135648>.> Acesso em: 18 de janeiro de 2021

OLIVEIRA, Almir. **Educação Patrimonial.** . IN:FERREIRA, Marieta Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **Dicionário do Ensino de História.** Rio de Janeiro:FGV Editora,2019.

PACHECO,Ricardo de Aguiar. **Ensino de História e Patrimônio Cultural: Um percurso Docente.**1ª Ed_ Jundiaí,SP: Paco,2017.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **O ensino de história com base na educação patrimonial e no Estudo do Meio.** Cadernos do CEOM-22,n.31-Espaço de memória: Abordagens e práticas.p.145 -155, 2009.

PENIN, Sônia T. de Sousa. **A aula : espaço de conhecimento, lugar de cultura.** Campinas-SP:Papirus,1994._(Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

PESAVENTO,Sandra Jatahy.**História e História Cultural.**3.ed.Belo Horizonte: Autêntica Editora:2014.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Novos temas nas aulas de história.** São Paulo: Contexto, 2010.

POLLAK,Michael.**Memória e Identidade Social.** Rio de Janeiro: Estudos Históricos,1992.

PORTAL DE NOTÍCIAS, GLOBO. Disponível em:<<http://g1.globo.com/pe/caruaruregiao/noticia/alunosdaredepublicaparticipamdeprojeto>>”Memórias de Garanhuns”.>Acesso:24/07/2019.

PORTELLI, Alessandro.**História oral como arte da escuta**.São Paulo: Letra e Voz,2016-(Coleção Ideias).

PROENÇA, Maria Cândida. **Ensinar/aprender história**. Lisboa: Horizonte, 1990.

RABÊLO, Darcio. **Hotel Tavares Correia**. IL.Color.Arcverde.2020.Disponível em:<<http://darciorabelo.com.br/noticia/governo-de-pernambuco-assina-tombamento-do-hotel-tavares-correia-em-garanhuns>>.Acesso em: 14 de abril de 2020.

RÜSEN,J.**História prática, aprender, compreender, humanidade** . IN: Teoria da História. Uma teoria da História como ciência.Curitiba: ED.ufpr,2015.

RÜSEN,Jörn. **História Viva: Teoria da História:formas e funções do conhecimento histórico**.Brasília: Editora da Universidade de Brasília,2007.

RICOUR,Paul. **A Memória, a história, o esquecimento**. Campinas,SP: Editora da Unicamp, 2007.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. **História Oral na sala de aula**.1ed. Belo Horizonte: Autentica Editora,2015.

SANTOS, Maria Priscila Miranda dos. **A comunidade de Castainho: uma contribuição aos estudos geográficos de remanescentes de quilombos em Garanhuns, Pernambuco**. Dissertação(Mestrado em Geografia). Recife: UFPE, 2010.

SCOCUGLIA, Afonso Celso.**Pesquisa História da Educação do Tempo Presente**. Revista Lusófona de Educação,2007. Disponível em:<www.scielo.mec.pt/pdf/rle/n10/n10a03.pdf>Acesso:26/07/2019.

SEDUC-PE. **Reorganização Curricular**.Disponível em:<<http://www.educacao.pe.gov.br/portal/?pag=1&cat=18&art=5650>> Acesso em : 16/01/2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antonio Flavio. **Currículo, cultura e sociedade**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

TEIXEIRA, Manuel Neto. **Garanhuns: álbum do novo milênio:(1811-2016): História, poderes, urbanismo, instituições,cultura**.Recife: Ed.do Autor,2016.

VIEIRA,Alfredo.**Garanhuns do meu tempo**.Recife:FIAM.Centro de Estudos de História,1997.

UPDRONEPE. Vista Panorâmica de Garanhuns.IL.Color.Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=dLR_3r0af4s.Garanhuns.2017>. Acesso em:14 de abril de 2020.

APÊNDECE A Questionário Ensino Fundamental

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DISCENTE: ANA CLÁUDIA PONTES DE LIMA

PESQUISA: ANÁLISE DO ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL NA ESCOLA INSTITUTO
PRESBITERIANO DE HELIÓPOLIS-GARANHUNS-PE

1.Nome:(opcional)_____Gênero:(F)

(M)(OUTROS)

2. Em relação à sua cor de pele, você se considera:

() Branco

() Pardo

() Preto

() Amarelo(oriental)

() Vermelho(indígena)

() prefiro não declarar.

3.Data de Nascimento:___/___/___

4.Ano e série que:___ Série:___ Turma:___

5..Data da pesquisa:___/___/___

6. Quando iniciou os estudos no IPH?_____

7.Endereço(Rua,Bairro e Cidade-zona rural ou urbana):

8.Quantas pessoas moram em sua casa? Qual o parentesco?

9.Casa própria? () Sim () Não

10.Qual é o nível de escolaridade do seu pai? (Marque apenas uma resposta)

(A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)

(B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)

(C) Ensino Médio (antigo 2º grau)

(D) Ensino Superior

(E) Especialização

(F) Não estudou

(G) Não sei

11. Qual é o nível de escolaridade da sua mãe? (Marque apenas uma resposta)

(A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)

(B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)

(C) Ensino Médio (antigo 2º grau)

(D) Ensino Superior

(E) Especialização

(F) Não estudou

(G) Não sei

12.Renda Familiar:

Um salário mínimo()

Dois ou três salários mínimos()

Acima de três salários mínimos()

Conhecimentos Históricos

1.Você acredita que o conhecimento sobre a História, adquirido na escola, é importante para sua vida? Justifique?

2.O projeto “ Memórias de Garanhuns” ,vivenciado em 2018 e 2019, no qual foi estudado e desenvolvido pesquisas sobre a história da cidade, mudou a sua relação com a disciplina História? Justifique.

3.Fale sobre o conhecimento que você desenvolveu a partir do projeto “ Memórias de Garanhuns”, vivenciado em 2018 e 2019.

APÊNDICE B Questionário Enviado aos Professores

Pesquisa sobre o projeto " Memórias de Garanhuns"

<https://docs.google.com/forms/d/1sUP73NaagHlhiQ8AEMP89ryZCxGNdqVfbbcvM0HowWo/edit> 1/4

Pesquisa sobre o projeto " Memórias de Garanhuns"

Colabore com a pesquisa de mestrado " Memórias de Garanhuns: História Local e o Ensino de História" da mestranda Ana Cláudia Pontes de Lima.

1.Endereço de e-mail

*

2.Nome completo

3.Função que exerce na escola.

*

4.Séries e turmas que leciona(caso seja professor)

*

5.Você participou do projeto pedagógico " Memórias de Garanhuns" em 2018?

*

Marcar apenas uma .

Sim

Não

Parcialmente

6.Se você participou do projeto pedagógico " Memórias de Garanhuns" em 2018, fale sobre sua experiência.Se não participou, justifique.

*

7.Você participou do projeto pedagógico " Memórias de Garanhuns" 2019?

*

Marcar apenas uma.

SIM

Não

Parcialmente

8.Se você participou do projeto pedagógico " Memórias de Garanhuns" em 2019, fale sobre sua experiência.Se não participou, justifique.

*

9.Você considera positivo o trabalho com projetos interdisciplinares, como o "Memórias de Garanhuns"? Justifique.

10.Existe algo que você considera que poderia mudar, para melhorar o projeto "Memórias de Garanhuns" nas próximas edições?Justifique sua resposta.

11.Diga de que maneira o afastamento social, como medida preventiva durante a pandemia, interferiu na realização de projetos como o " Memórias de Garanhuns.

12. Você autoriza a utilização de suas declarações, expressas aqui,no trabalho de dissertação, com o tema: "Memórias de Garanhuns: História Local e Ensino de História " ,da mestranda, Ana Cláudia Pontes de Lima?

*

Marcar apenas uma

Sim

Não

APÊNDICE C Ficha de Apoio: Entrevista com Estudantes

- 1º) Você participou do projeto “ Memórias de Garanhuns” em 2018?
- 2º) Como foi sua participação?
- 3º) O que você achou da experiência?
- 4º) Você gosta de trabalhar com projetos como esse?
- 5º) De que maneira você acredita que o projeto “ Memórias de Garanhuns” contribuiu para sua formação?
- 6º) Existiu alguma dificuldade para a realização do projeto?
- 7º) Você participou do projeto “ Memórias de Garanhuns” em 2019?
- 8º) Como foi sua participação?
- 9º) O que você achou da experiência?
- 10º) Você gosta de trabalhar com projetos como esse?
- 11º) De que maneira você acredita que o projeto “ Memórias de Garanhuns” contribuiu para sua formação?
- 12º) Existiu alguma dificuldade para a realização do projeto?

APÊNDICE D Ficha de Apoio: Entrevista com Educadores

- 1º) Fale sobre a Escola Municipal IPH.
- 2º) Fale sobre o projeto “ Memórias de Garanhuns” 2018.
- 3º) Fale sobre sua participação no referido projeto.
- 4º) Quais os objetivos do projeto em 2018?
- 5º) Você acredita que os objetivos foram alcançados?
- 6º) Fale sobre as dificuldades encontradas na realização do projeto em 2018.
- 7º) Fale sobre o projeto em 2019.
- 8º) Fale sobre sua participação no projeto , na edição 2019.
- 9º) Quais os objetivos do projeto em 2019?
- 10º) Fale sobre as dificuldades encontradas na realização do projeto em 2019

